

2- PORTO MURTINHO: AS ENCHENTES E A URBE

2.1 A cidade nas teias do seu traçado

O mosaico pantaneiro tem a sua composição marcada por imagens que se entrecruzam neste cenário. Imagens que integram e contemplam em seu interior a história de uma época. Acrescentamos a esse mosaico algumas peças que em muito se encontram esquecidas. Assim como o artesão trabalha cuidadosamente a argila, trabalhamos com muita cautela com as memórias de uma população que vivenciou experiências singulares quando nas enchentes que assolaram a cidade, flagelando toda sua população. Cautela essa regada pelo respeito às diferenças e comprometimento com a história que escrevemos a partir dessas memórias.

Nesse contexto, há, então, a tessitura de um traçado móvel, que parte da convergência entre os saberes diferenciados. A ordem da leitura poderia ser qualquer uma. Texto esse que não possui mão-única, mas ganha a forma de bricolagem, a partir da junção de fragmentos, com uma perspectiva de encaixes, incorporando elementos como as memórias, que surgem no processo de construção, amalgamando esse traçado móvel.

Escrever sobre tais acontecimentos é ler nas entrelinhas e juntar os elementos de um mosaico de experiências com significados que proporcionam uma lição de grandeza das pessoas que não titubearam ante uma situação singular, mas sim, decidiram e indicaram caminhos para o desfecho dos fatos. Anônimos, cujas reminiscências nos permitem contemplar suas alegrias e desencantos e, que, hoje, possibilitam uma nova visão dos acontecimentos e nos conduzem por uma viagem pelos lugares de suas memórias. Percorremos o labirinto dos marcos da memória dos nossos narradores, buscamos entender o que eles significam e como foram construídos historicamente.

Nesse ponto, tomamos emprestadas as palavras de Foucault, ao dizer que gostaria de ser envolvido pelas palavras, levado para além do começo ao invés de proferi-las. O desejo que consiste em

[...] perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu será, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível.¹

Memórias partilhadas, experiências construídas em espaços que evidenciam a tessitura de uma página da História a partir de narrativas por deveras singulares. Seria pertinente, então, o questionamento do que é construída a memória de Porto Murinho? O

¹ FOUCAULT, M., *A ordem do discurso*, 1996, p. 5.

que permanece, o que não apareceu? Entender e buscar os sinais de rupturas para a compreensão do que foi edificado, ou não, como uma construção social, possibilita-nos tecer essa história com fios tênues das minudências. Aspectos que a população local reconhece como elementos constituintes de sua própria história de vida.

Retornamos à leitura da obra de Halbwachs, *A memória coletiva*, quando ele apresenta considerações referentes à memória como um fenômeno social, ou seja, é construída coletivamente e está sujeita a constantes transformações, reelaborações, o que descaracteriza a memória como sendo puramente individual. Para o autor, a memória “é resultado do movimento do sujeito no ato da memorização como também é ação dos diversos grupos sociais em suas histórias, o passado e presente.”² Nesse contexto, ainda em conformidade com o autor, a memória ultrapassaria questões pessoais, postulando significações para as ações dos indivíduos, fundamentando, assim, interpretações e vivências do passado.

Na análise de Pierre Nora, “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução [...]” e prossegue salientando que “a memória emerge de um grupo que ela une [...] é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada.”³ Reescrever esses acontecimentos baseados nas narrativas, é como juntar peças de um quebra-cabeças, em que cada elemento, em especial, tem uma marca própria e, que incorporada ao todo, completa-o, conferindo dimensão histórico temporal aos fatos.

Sob esse enfoque, salientamos que o historiador trabalha com o passado, mas não está condensado nele. Está articulado com o presente, tendo em vista que está inserido em uma sociedade dinâmica e mutável, tal qual a História. Le Goff salienta que “a História é o estudo do movimento e da mudança das sociedades humanas; não há história imóvel.”⁴ Assim, nesse contexto, mergulhamos no imaginário construído nas temporalidades transcorridas pela planície pantaneira de Nabileque, como apresentado no primeiro capítulo.

Partindo dessa premissa, adentramos nos aspectos históricos temporais que delinearam esse centro urbano, no Pantanal. Aqui podemos ousar ser como Kublai Khan, do clássico *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino. O grande Khan, após ouvir variadas descrições de Marco Pólo, sobre as cidades por ele visitadas, optou por descrevê-las, partindo das narrativas até então ouvidas. Ele percebe que a cidade tece sua teia “nas relações entre as medidas do seu espaço e dos acontecimentos do passado.”⁵ E, ainda, observando que “a cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão.”⁶

² HALBWACHS, M., *A memória coletiva*, 1990, p. 39.

³ NORA, P., *Entre memória e História: a problemática dos lugares*, 1993, p.9.

⁴ LE GOFF, J., *A visão dos outros: um medievalista diante do presente*, 1999, p. 94.

⁵ CALVINO, I., *As cidades Invisíveis*, 2003, p.15.

⁶ Idem, p.16.

As narrativas dos moradores de Porto Murinho, que testemunharam que participaram, que vivenciaram os acontecimentos, abrem a possibilidade de uma narrativa, cujos fragmentos se somam e dão forma à descrição que, cuidadosamente delineamos. Cada parcela desse processo de construção está alicerçado em perspectivas que fomentam novos questionamentos e novas descrições e, nesse contexto possibilita

[...] entender que um acontecimento nem sempre tem a mesma relevância para todos, ou para um grupo. É possível perceber distorções, uma vez que a experiência difere de indivíduo para indivíduo, de grupo para grupo.⁷

Mas, não basta apenas contar a história da cidade “a partir de uma perspectiva quantitativa e evolutiva”⁸; é preciso entender os meandros que se seguiram na constituição desse espaço singular que compreende a cidade de Porto Murinho e se encontra na tessitura dos “lugares de memória” dos seus moradores. Faz-se relevante salientar que essa pretensão não está alicerçada na obtenção da “veracidade absoluta, mas na verossimilhança possível”⁹ ante o fato de que adentramos no campo das representações e, conseqüentemente, dos discursos que se moldam sobre o real, ou melhor, se tecem no tempo presente. O que significa, de acordo com Pesavento, que “Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.”¹⁰ Mais que relatos de acontecimentos, as narrativas são mutáveis, ou seja, são reelaboradas de acordo com a dinâmica social a qual o indivíduo está exposto, gerando novas interpretações do passado.

Se considerarmos, de acordo com Nora, que o presente “é o momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída”¹¹, percebemos que, enquanto narrativa, a memória tende a desempenhar o papel que o mito tem nas sociedades ditas tradicionais. A memória é revivida e ritualizada através das narrativas dos indivíduos que compõem uma dada estrutura social, numa tentativa de identificação por parte dos mesmos. As interpretações do passado, no presente, estão inseridas no contexto da dinâmica social que se apresenta como uma constante ligação com o passado e que, no entanto, se mostra subentendida na busca da memória como uma necessidade de reelaboração do passado.

Para Carlos, “o modo de vida urbano produz idéias, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também uma cultura.”¹² A ideia de que “a cidade aparece como um todo no qual

⁷ LEITE, E.F. *Aquidauana: A baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução*, 2009, p. 23.

⁸ PESAVENTO, S.J., *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas*, 2007, p. 12.

⁹ PESAVENTO, S.J., *Indagações sobre a História Cultural*, 2001, p. 10.

¹⁰ PESAVENTO, S.J. *História e História Cultural*, 2004. p. 39.

¹¹ NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*, 1993, p. 12.

¹² CARLOS, A.F.A., *A cidade*, 1992, p. 26.

nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte”¹³ é apresentado por Calvino e, nesta análise, nos permitimos pensar a cidade como sendo potencialmente um símbolo poderoso de uma sociedade complexa onde atividades econômicas, políticas e sociais espelham o modo de viver, pensar e sentir daqueles que ali vivem e a conceberam como um espaço territorializado.

A cidade de Porto Murtinho preserva os símbolos de uma época e permite que, tal qual viajantes nas temporalidades transcorridas, nossos passos ecoem por ruas amplas, cobertas pelas finas camadas de areia. Sejam tomados pelo calor, pelos olhares desconfiados e interrogativos. Embriagados pelo cheiro do chá de erva-mate de Dona Ninfa, do bife lambreado no mercado central, do café com bolachinha paraguaia da Dona Simiona. Envolvidos pela algazarra dos chalaneiros na Praça do tereré, pela confiança do Dionísio, pelo acolhimento e simpatia de Dona Conceição e seu Toninho. Pela serenidade de Seu Luluca, pelas superstições do Seu Hipólito e pela simplicidade do Professor Braz Leon. Aceitos na formalidade do professor Firmo. No ecologismo de Dona Norma e no choro saudoso de Artêmio. Na alegria de Dona Lídia e Seu Inocêncio. Observados pelo olhar inquieto de Dona Magna, deixemo-nos conduzir por Anice, aconchegados pelo acalento do cair da tarde à beira do rio Paraguai, pelo descortinar de um pôr-do-sol no Pantanal, pela calma das águas e dos barcos, cujas luzes pontilham as águas, imitando, sorrateiramente, minúsculas velas iluminando a noite dos enamorados no seu deleite ao luar. Passos lentos, tal qual do ancião desconhecido, a palmilhar sobre o dique.

É nessa atitude contemplativa que “o olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas”¹⁴ e lentamente vamos percebendo que “ a cidade diz tudo que você pensar, faz você repetir o discurso.” No entanto, é preciso que saibamos elaborar as perguntas que possam contestar as respostas dadas pela cidade, pelos seus “lugares de memória” e, mais ainda, “traduzir suas subjetividades e sentimentos em materialidades subjetivas palpáveis”¹⁵ o que permite que a história seja escrita.

Nesse contexto, vamos buscar as tênues linhas que nortearam o traçar e a formação de um centro urbano, a partir de uma necessidade de fixar fronteiras políticas e fortalecer uma atividade econômica na planície pantaneira. Na análise de Leite, “o processo de ocupação do Pantanal atendeu à necessidade de fixação e manutenção de marcos do território nacional.” E, prosseguindo em sua análise, para o autor, a importância maior, para o Estado brasileiro, estava centrada na “periferia banhada pelo rio Paraguai.”¹⁶ De um lado, a possibilidade de destituir o indígena do controle das áreas e, do outro, a garantia do

¹³ CALVINO, I. *As cidades Invisíveis*, 2003, p.17.

¹⁴ Idem, p. 20.

¹⁵ PESAVENTO, S.J. *Indagações sobre a História Cultural*, 2001, p. 12.

¹⁶ LEITE, E.F. *Aquidauana: A baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução*, 2009, p. 44.

domínio da região fronteiriça. Os pantanais, enquanto área limítrofe com Paraguai e Bolívia, “manteve-se como palco de lutas”¹⁷ onde as relações de poder se revestiam da ineficaz ação do Estado.

2.2 Porto Murtinho: sua História e seus encantos no Pantanal de Nabileque

Esse pequeno centro urbano, no Pantanal Sul-matogrossense, e uma das sub-regiões dos pantanais, está distante 443 km de Campo Grande. Situado às margens do Rio Paraguai, cerca de 50 km, a montante do Rio Apa, tendo como limites, ao norte, o município de Corumbá, ao Sul e a Oeste, a República do Paraguai e, tendo, a Leste, Jardim e Bodoquena. Sua área total compreende 17.872,90 km². Seu relevo é de planície pantaneira, declives mínimos nas áreas alagáveis no entorno das margens do rio Paraguai. Nabileque, formado por sedimentos com argila e calcário situa-se no Pantanal baixo, área compreendida entre Corumbá e Porto Murtinho e apresenta uma feição de pastagens naturais facilmente inundáveis no período das águas.

Na confluência do rio Nabileque com o rio Paraguai estendem-se extensos palmares, especialmente de carandá, muito utilizado pela população ribeirinha e local para a construção de jiraus. Morros e elevações com cenários ecológicos magníficos contribuem para sua moldura, como, por exemplo, o Morro Pão de Açúcar, Fecho dos Morros, Ilha da Onça, Morro Celina, Barranco Branco, Forte Olimpo e a Cachoeira do Apa¹⁸, ilustrando esse palimpsesto por deveras descrito e revisitado por viandantes.

Porto Murtinho iniciou sua trajetória em meados de 1850, em virtude da ocupação, pela fronteira do Brasil com o Paraguai. A tropa, comandada pelo Tenente Francisco Bueno da Silva, montou acampamento, por um período de quatro meses no local conhecido como “Fecho dos Morros”. Foram atacados por paraguaios vindos de Assunção. A disputa entre os dois países era por uma faixa de terra entre os rios Apa e Branco, localizada na região de Porto Murtinho, requisitada pelo Paraguai como linha divisória. Segundo Arruda,

[...] desde o período colonial, a região matogrossense despertava preocupações pela sua posição estratégica. Havia desde a Independência, uma série de disputas de fronteiras com o Paraguai e toda a região sul da então província do Mato Grosso estava sob litígio.¹⁹

Formou-se uma comissão denominada Comissão Mista de Limites para finalizar a questão. O objetivo principal da comissão consistia em traçar a fronteira, demarcando definitivamente os limites da República Federativa do Brasil com a República do Paraguai.

¹⁷ Idem, p. 46.

¹⁸ Prefeitura Municipal de Porto Murtinho. Gerência de Turismo. Informações úteis sobre Porto Murtinho. Publicação interna. 2008.

¹⁹ ARRUDA, G., *Cidades e Sertões: entre a história e a memória*, 2000, p. 114.

Tanto brasileiros quanto paraguaios integraram a comissão, que teve como chefe o Coronel Rufino Enéas Gustavo Galvão.

Concluído em 1872 o serviço de demarcação, Thomaz Laranjeira, que integrou a Comissão Mista de Limites, atuando como secretário e, posteriormente, como fornecedor de gêneros alimentícios, demonstrou interesse em explorar a região. No decorrer dos trabalhos de demarcação, ele havia observado que a localidade era coberta por imensas áreas de ervais nativos e, como era conhecedor da industrialização da erva-mate, decide-se pela exploração do território que se apresentava como potencialmente promissor para suas atividades econômicas. Obtendo da Corte Imperial, em 1883, a autorização para iniciar as atividades de exploração da erva-mate, Thomaz Laranjeira trouxe, do sul do país, um grupo de fazendeiros conhecedores do manejo da erva e contando com a mão-de-obra barata vinda dos indígenas que habitavam a região e dos paraguaios. A empresa denominou-se Mate Laranjeira.²⁰

Foi somente em 1892²¹, quando a S. A. Banco Rio-Mato Grosso adquire a Fazenda Três Barras, à margem esquerda do rio Paraguai²² com o intuito de construir um porto para o escoamento da erva mate, é que Porto Murtinho desponta no cenário mato-grossense. Queiroz sinaliza que,

[...] no início do regime republicano, Laranjeira tratou de nacionalizar (pelo menos oficialmente) sua rota de exportação, como contrapartida à obtenção de novas concessões de terrenos ervateiros. De fato, o governo do Estado de Mato Grosso, agora responsável por tais concessões, exigiu que a erva fosse exportada por um porto brasileiro. Assim, a empresa estabeleceu, a partir de 1892, o Porto Murtinho, ainda no rio Paraguai, mas agora em território sul-mato-grossense.²³

Um porto, para embarque, foi instalado, por iniciativa de Antonio Correia da Costa, na Fazenda Três Barras de propriedade do Major Boa Ventura da Mota. No entorno do porto, inicia-se a formação de uma vila. A construção do porto, na margem esquerda do rio Paraguai, visava à centralização do embarque de toda produção da indústria extrativa da erva-mate explorada pela Cia Laranjeira, que detinha a concessão pelo Decreto 8.799, de 09 de dezembro de 1882, para a exploração dos ervais em terras mato-grossenses e paraguaias. Por um lado, o fator principal, na escolha do local do porto, foi a centralização do embarque da produção por via fluvial, mais especificamente, pelo rio Paraguai, por ser um rio de águas internacionais e navegável em todo seu curso. Por outro lado, o rio Paraguai estava ligado aos países platinos, principais consumidores da erva-mate produzida naquela região. A Gazeta Oficial, de 04 de maio de 1894, descreve a construção do porto:

²⁰ ARRUDA, G., *Frutos da Terra: os trabalhadores da matte Laranjeira*, 1997.

²¹ Anuário do Oeste Brasileiro (Anuário de Corumbá, n.3, 1943). p. 243

²² CORRÊA FILHO, V., *Pantanaís Matogrossenses*, 1946, p. 151.

²³ QUEIROZ, P. R. C., *Vias de comunicação e articulações econômicas do antigo sul de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*: Notas para discussão. UFMS Dourados

Como sabeis, o porto escolhido foi um dos melhores do baixo Paraguai, situado na antiga fazenda Três Barras, hoje propriedade do Banco Rio e Mato Grosso e nele já se acham em via de conclusão, senão concluídos, não só a ponte para o trapiche como também os armazéns destinados ao depósito dos nossos produtos.²⁴

A indústria ervateira ganhava corpo e seus tentáculos se inseriam nos mais variados segmentos da economia e política do Mato Grosso. Para D'Alincourt, a expansão da atividade ervateira foi motivado pelo esgotamento da atividade mineradora, o que restava era então “poucas alternativas econômicas para a região matogrossense que desenvolveu ao final do século XVIII, uma incipiente pecuária, a extração de alguns poucos recursos naturais e culturas isoladas de subsistência.”²⁵

Além das grandes concessões de extensas faixas de terras, a empresa investiu na construção de estradas de acesso, pontes e portos de escoamento dos seus produtos, na rede telegráfica. Nota-se que as vias de comunicação e transporte estavam totalmente sob o controle da indústria ervateira. Se considerarmos que sua estrutura econômica estava a serviço da máquina eleitoral, no seu período de atuação, percebe-se que atuou garantindo vitórias políticas que a favoreciam, e que propiciaram a manutenção e a conquista de novas alianças. Associado à política havia o predomínio do latifúndio e do monopólio que detinha a Cia Mate na exploração e exportação do principal produto: erva-mate.

Ao adentrar na máquina estatal, ganhava representatividade no cenário econômico matogrossense, articulando todo um circuito comercial reservado para o atendimento da indústria ervateira. Tal fato é verificável até meados da década de 1920, quando atingia o auge da sua produtividade que na resultante trouxe o fortalecimento de seu poderio econômico e político. Associando-se, posteriormente, a Mendes & Cia mantinha seu domínio com capital argentino que incomodou o governo brasileiro, no que tange o aspecto político-territorial, por se tratar de uma área limítrofe com o Paraguai.

Datada de 26 de maio de 1894, a Gazeta Oficial traz publicada a convocação do conselho fiscal para um exame das contas e convocação de assembleia para a mudança da estrutura administrativa pelo referido conselho. Assim consta:

Com a mudança da nossa exportação para o porto da fazenda Três Barras que denominam – Porto Murtinho, seria conveniente a transferência imediata da gerencia para ali, a fim de melhor atender todos os assuntos referentes a mesma exportação, grandes interesses, porem, da companhia nos aconselham realizá-la a mais demoradamente, de modo a evitar qualquer perturbação para a marcha regular de nossos negócios.²⁶

²⁴ Gazeta Oficial de 04/05/1894. caixa 1- microfilme 08.05.1890 a 15.08.1895. Arquivo Publico do Estado de Mato Grosso. Consultado em 25 de setembro de 2009.

²⁵ D'ALINCOURT, L., *Memória a cerca da Fronteira da Província de Mato Grosso*, 1953, p. 178.

²⁶ Gazeta Oficial de 26/05/1894. caixa 1- microfilme 08.05.1890 a 15.08.1895. Arquivo Publico do Estado de Mato Grosso. Cuiabá, MT. Consulta em 25 de setembro de 2009.

Porto Murtinho esteve incorporado ao Município de Miranda, até 1897, e, pela Lei n. 165, a Corumbá. Em 10 de abril de 1900, é criado o Distrito de Porto Murtinho, pela Resolução n. 255. Com a promulgação do Decreto n. 310, de abril de 1912, ocorreu a instalação da Vila e, através da Lei 810, de 08 de dezembro de 1919, passa a ser comarca. Foi elevado a município pela lei n. 560, datada de 20 de setembro de 1911. Elevado à categoria de cidade, pela Lei 962, de 12 de julho de 1926.²⁷ Em 1939, o município atingiu um espaço territorial de 14.066 km². O município, situado na região de fronteira com o Paraguai, passou por intervenções, sendo considerado Área de Segurança Nacional.

Nesse início, o município era constituído, basicamente, por moradores vindos do sul, especialmente do Rio Grande do Sul e Paraná, devido à produção da erva-mate pela Cia Laranjeira, de índios e paraguaios, que já viviam no local compondo o quadro da mão-de-obra disponível e de baixo custo.

Faz-se importante destacar aqui as observações de Arruda no que se refere à vinculação da Cia Mate entre as esferas pública e privada, entre governo e empresa. Para o autor, tal proximidade era tamanha que se torna difícil estabelecer algum limite entre uma e outra esfera ou quais interesses cabiam a cada uma das esferas.²⁸ O envolvimento de ambos, empresa e governo, ultrapassava os trâmites legais burocráticos, adentrava em interesses recíprocos. Segundo Arruda, “é fácil deduzir o favorecimento da Cia Matte Laranjeira por parte dos ocupantes do poder público [...]”²⁹ Era prática comum a utilização de cargos públicos como uma forma de fortalecimento da iniciativa privada.

O Decreto de concessão permitia ao beneficiário único, Thomaz Laranjeira, a exploração dos ervais nativos e uma “estreita ligação entre empresários desta atividade e políticos governantes do período.”³⁰ Tal fato atendia aos interesses mútuos, no caso de ameaças ao monopólio extrativista da erva-mate. As estratégias de controle iam muito além. Os tentáculos da Cia Mate, no período de sua atuação, que foi de 1840 a 1930, fortaleceram-se ao ponto de estabelecer um “Estado dentro do Estado”³¹, com domínio absoluto sobre os moradores e trabalhadores nos ervais. Em conformidade com Arruda, o significado de tal domínio centralizava-se num “poderoso instrumento de poder e disciplina”³² Essa imposição de regras e controle ultrapassava os limites brasileiros e adentrava em território paraguaio.

Em Porto Murtinho, além da construção do Porto, foi construída uma ferrovia (foto 1) que permitia a ligação e o transporte da produção da Fazenda São Roque à, então, vila de

²⁷ SILVA, J. de M., *Fronteiras Guaranis*, 2003, p. 150.

²⁸ ARRUDA, G., *Frutos da Terra: os trabalhadores da Matte Laranjeira*, 1997, p. 29.

²⁹ Idem, p. 29.

³⁰ Idem, p. 31.

³¹ Idem, p. 33.

³² Idem, p. 36.

Murtinho, “aonde chegavam as centenas de carretas portadoras da erva mate do alto dos vales do Brilhante e Dourados, que regressavam carregadas de mercadorias para os fazendeiros serranos.”³³

Foto 01 - Linha ferroviária construída pela Cia Mate Laranjeira na Fazenda São Roque



Fonte: Arquivo Museu Jaime Aníbal Barrera.

Paralela à extração do mate, uma estrutura logística foi implantada e incluía estradas, cidades, portos e locais de trabalhos minuciosamente organizados impedindo a evasão da mão-de-obra, basicamente indígena e paraguaia. O controle dos trabalhadores não estava centrado apenas no processo de trabalho. Mecanismos, como, “violência física, castigos disciplinares para quem tentasse fugir”³⁴, caminhavam juntos com uma jornada de trabalho fustigante.

O regime de trabalho servil mantinha características muito comuns com o trabalho escravo. Segundo Kuhlmann,

Na área do mate, quase todo o trabalho de coleta e preparo da erva é feito por paraguaios. Sujeita-se o ervateiro ou mineiro, aos processos de trabalho mais primitivos e brutais. O transporte do fardo de mate, o “raído”, pesando algumas vezes mais de 150 quilos, é feito hoje pelo ervateiro, que o carrega nas costas; tal peso, produz um intumescimento no pescoço do mineiro, muito semelhante ao produzido pelo bócio. O salário do empregado, muito

³³ CORRÊA FILHO, V., *Pantanaís Matogrossenses*, 1946, p. 152.

³⁴ Idem, p. 106.

baixo, é á base das arrobas transportadas. Daí o interesse do mineiro, em transportar o máximo possível, mesmo pondo em risco a vida.³⁵

A Cia Matte mantinha os “comitiveiros”, homens designados para o trabalho de caçar os fugitivos que não se adequassem à rigorosa disciplina de trabalho imposta e também por seus débitos ou contas, que foram utilizados amplamente como poder de persuasão, ou melhor, coerção. Muitos foram os “mecanismos de controle dos trabalhadores, às vezes, sutis, outras vezes explícitos [...]”³⁶

Atuando como exportadores e importadores, imigrantes europeus, árabes e judeus foram atraídos pelo comércio que despontava na Bacia do Prata aliado à extração da erva-mate. Migrações e imigrações contribuíram para o desenvolvimento do sul do Mato Grosso. Fator, esse, estreitamente ligado ao intuito de desbravamento, conquista e incorporação de terras, o que corresponde ao alargamento das fronteiras e ao desenvolvimento da economia de caráter exportador. Não obstante, a história de Porto Murtinho é comparável a de outros centros urbanos que despontaram com o início de atividades de caráter extrativista nas suas origens aliadas à vasta extensão de seu território e às riquezas naturais.

O Porto logo entrou em pleno funcionamento para o transporte da erva-mate, atingindo grandes centros urbanos, como, Assunção no Paraguai, Buenos Aires, na Argentina. O veio extrativista gerava consideráveis dividendos, estimulando, cada vez mais, a produção e o aumento das exportações, mas também deixava suas marcas.

Em zona de erva-mate, na propriedade da Cia Mate Laranjeira tive a oportunidade de observar a mata latifoliada, já bastante alterada pela exploração da preciosa aquífoliácea. Grandes áreas florestais foram destruídas para a cultura do llex, sendo que a ocorrência deste, em áreas de vegetação natural, só foi verificada num trecho do cerrado.³⁷

A indústria ervateira possibilitou, à região, célere desenvolvimento e o Porto, transformou-se no principal canal de escoamento da exportação não apenas da erva-mate, mas do gado, couro e charque, para a América, Europa e Estados brasileiros. Atrelado ao desenvolvimento, fixa-se um traçado de devastação dos ervais nativos. Em primeiro momento, de acordo com Silva, “foi aquela sede, durante alguns anos notável entreposto comercial,”³⁸ posto que era, através desse porto, às margens do rio Paraguai, que se fazia a exportação não somente da erva como, também, dos demais produtos sul-matogrossenses, que atuava como receptor de gêneros indispensáveis para o consumo interno.

A utilização do Porto propiciava novos investimentos. Em 1917, é instalado um saladeiro que veio somar, à economia da região, investimentos em infra-estrutura e capital

³⁵ KUHLMANN, E., *A vegetação de Mato Grosso- seus reflexos na economia do Estado*, 1954, p. 102.

³⁶ ARRUDA, G., *Frutos da Terra: os trabalhadores da Matte Laranjeira*, 1997, p. 111.

³⁷ KUHLMANN, E., *A vegetação de Mato Grosso- seus reflexos na economia do Estado*, 1954, p. 102.

³⁸ SILVA, J. de M., *Fronteiras Guaranis*, 2003, p. 150.

estrangeiro. Destacamos a instalação de uma vila operária que abrigava cem pessoas que trabalhavam em regime acelerado, abatendo, diariamente, cerca de cem reses. Os investimentos e lucros com as charqueadas foram tão significativos que, a partir do século XX, tornou-se uma das principais atividades econômicas da região, agregados à pecuária intensiva nos pantanais. A produção era exportada para o Rio de Janeiro, Nordeste do Brasil e, também, Europa. As mercadorias destinadas ao consumo e abastecimento da população local eram trazidas de outras regiões do Estado via porto e as engrenagens do comércio mantinham-se funcionando em ritmo lento, mas gradual.

Mesmo com desenvolvimento acentuado, a economia teve suas bases ameaçadas quando o transporte da produção da erva-mate começou a acarretar prejuízos. O encarecimento do transporte estava atrelado às dificuldades de transpor grandes trechos alagadiços da planície pantaneira. Silva, ao descrever as vias de comunicação da região, faz observações no que tange ao acesso a Porto Murinho, que, por vias terrestres, sua comunicação com outros centros do Brasil se estabelecia mediante grandes dificuldades. Prossegue na análise ponderando que, “situado em terras alagadiças, grande parte do município fica inteiramente coberto de água na estação das chuvas.”³⁹

Notadamente, a ênfase na estação das chuvas como agente norteador do desenvolvimento da região. As estratégias ali implantadas pelos habitantes da região são diluídas e/ou contidas pela ação das águas. Continuando em suas observações, o autor salienta que “as suas estradas carroçáveis, feitas pelos próprios carreteiros e pelos seus bois, desaparecem por completo, naquela estação.”⁴⁰ As águas se fazem presente no desenvolvimento gradual face ao fato de que “os rios impedem a passagem durante meses inteiros, pois sobre eles não há pontes.”⁴¹

É relevante ressaltar a análise de Kuhlmann, a respeito do transporte na região; ele apresenta a seguinte descrição:

Com exceção de pequeno trecho do sul do Pantanal, servido pela estrada de Ferro Noroeste do Brasil, toda esta região tem no rio Paraguai e seus afluentes, as únicas vias de transporte. Os transportes terrestres são praticamente inexistentes.⁴²

A dificuldade no transporte da produção e os prejuízos acumulados levaram a Cia Laranjeira a associar-se ao argentino Francisco Mendes Gonçalves, e passa a denominar-se Laranjeira, Mendes & Cia, com sede em Buenos Aires. O contrato celebrado com o Estado, em 04 de fevereiro de 1904, transfere a concessão dos ervais. A introdução de capital estrangeiro permitiu novos investimentos. Em 1905, inaugurou-se, como citado, a

³⁹ Idem, p. 152.

⁴⁰ Idem, p. 152.

⁴¹ Idem, p. 152.

⁴² KUHLMANN, E., *A vegetação de Mato Grosso e seus reflexos na economia do Estado*, 1954, p. 117.

Estrada de Ferro, de 22 km, que facilitou o transporte na região de produção da erva-mate da Fazenda São Roque até o porto de embarque. Em meados de 1930, com a transferência da sede da indústria ervateira e a posterior liquidação dos seus bens, a cidade perdeu seu suporte econômico.

O signo⁴³ dessa injeção do capital estrangeiro e inovação está posto na praça central da cidade: a locomotiva que conduzia os vagões utilizados no transporte da erva-mate para o Porto Geral, um atrativo turístico e símbolo de uma época áurea da economia do município, embora devastadora.

Por se tratar de uma região limítrofe, Porto Murtinho sofreu a primeira intervenção militar, erigindo-se a 2ª Companhia de Fronteira e um posto militar, a 70 km abaixo, no rio Paraguai, cuja função era o controle das embarcações internacionais que adentravam em águas brasileiras. Quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, o município é extinto e passa a integrar o Território Federal de Ponta Porã. Ao término da guerra, deu-se a extinção do referido território e Porto Murtinho é reintegrado ao Estado de Mato Grosso. Motivos esses que levaram ao abandono dos investidores da região. Ocorreu o primeiro êxodo populacional na região que sofria intervenção militar e, permaneceu apenas a esparsa população que se formou no entorno do porto. População essa que continua a traçar os contornos do pequeno centro urbano na orla da planície pantaneira.

Se considerarmos, de acordo com Pesavento, que a História Cultural possibilita uma nova abordagem sobre as cidades, percebemos que

[...] a cidade é, sobretudo, uma materialidade erigida pelo homem, é uma ação humana sobre a natureza. A cidade é, neste sentido, um outro da natureza: é algo criado pelo homem, como uma sua obra ou artefato.⁴⁴

A questão que se apresenta, exige uma reflexão cautelosa. Se a cidade é materialidade, é constantemente pensada, produzida e reproduzida por homens que, na sua edificação, tanto material quanto imaterial, depositam interesses intrínsecos; a cidade de Porto Murtinho foi erigida a partir da necessidade do escoamento da produção da erva-mate, que estava atrelada à visão oportunista de Tomaz Laranjeira e, conseqüentemente, ao processo de exploração e conquista das fronteiras. Iniciou-se, então, um processo de constituição de espaço, a partir das necessidades advindas das atividades econômicas ali implantadas.

A materialização de um espaço é representada pela apropriação desse e das múltiplas relações da história e dos homens e traz em si ideologias padronizadas daqueles que a conceberam e daqueles que ali vivem. As ações humanas, em relação à natureza, ao

⁴³ Segundo Geertz,(1989, p.69) utiliza-se o símbolo para expressar a relação com uma concepção de significados transmitidos de uma geração a outra, desse modo, lhe confere significados de realidades sociais e psicológicas, e se modela “em conformidade a ela e ao mesmo tempo modelando-a a ele mesmo.”

⁴⁴ PESAVENTO, S.J., *Cidades invisíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas*, 2007, p. 13.

mundo natural, não apenas se configuram na ligação direta com a demanda econômica e social, mas está estritamente ligada às representações construídas pela sociedade, no que tange às práticas instituídas. A observação está alicerçada no fato de que tais ações não são apenas necessidades materiais, mas estão vinculadas ao universo simbólico que permeia as práticas sociais.

Frente à dificuldade da transposição dos terrenos alagadiços do Pantanal, como citado anteriormente, a Cia Laranja enfrenta problemas e recebeu auxílio do capital estrangeiro que propiciou a melhoria no transporte. Ligados a esses fatores, favoreceu o despontar de uma nova atividade, os saladeiros, vinculada à pecuária na planície pantaneira e à emergente exploração do quebracho. Atividades essas lucrativas que, em muito, contribuíram para o desenvolvimento do município, mas em períodos de curta e média duração.

2.3 Nas fábricas de tanino emergem os “marca onças”⁴⁵

A exploração do quebracho, do qual era extraído o tanino utilizado na indústria química, em curtumes e na tecelagem, já ocorria desde as últimas décadas do século XIX, no Paraguai e Argentina, sendo muito requisitado pela Europa. Zarilli destaca a instalação, na Argentina, das mais importantes sociedades anônimas de capital estrangeiro que comercializavam o tanino e a madeira do quebracho no mercado externo, especialmente para a Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Acrescenta que tais empreendimentos estavam centrados em interesses próprios e o desenvolvimento das atividades procuravam ligar a região a esses interesses.⁴⁶

Árvore abundante no Chaco e na região de Porto Murtinho, coloca novamente a pequena cidade no cenário econômico matogrossense. Por ser de difícil reflorestamento, sendo uma árvore nativa da região, a extração acelerada resultou na devastação dos vastos quebrachais que foram impiedosamente dizimados. Segundo Leonardi, “o extrativismo por suas próprias características, é a atividade que não pode ser pensada como se os seres humanos pairassem acima da natureza e do meio ambiente.”⁴⁷ Nesse contexto, restou apenas o fechamento das indústrias de tanino, em meados dos anos de 1970.

Para a exploração das matas de quebracho, foi instalada a Florestal Brasileira, S.A por um consórcio do Governo alemão, em 1935 e, no período de funcionamento, chegou a empregar cerca de duas mil pessoas que trabalhavam no processo de administração,

⁴⁵ O logotipo da fábrica de tanino Quebracho do Brasil era um triângulo com uma cabeça de onça. Quem trabalhava ou nascia na vila de propriedade da Quebracho do Brasil, recebia a pecha “marca onça”

⁴⁶ ZARILLI, A., *Transformacion ecológica y precariedad económica en una economía marginal. El gran chaco argentino, 1890-1950*, 2000, p. 5

⁴⁷ LEONARDI, V. P. B., *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*, 1999, p. 15.

extração e industrialização do tanino. A Florestal Brasileira manteve-se, de 1935, quando inicia a exploração do quebracho, até 1974, encerrando definitivamente as atividades, em 1977.

Na fábrica, havia cerca de 340 operários e um número três vezes maior de trabalhadores das obragens, com uma produção diária de 200 sacas de 50 kg de tanino, atingindo uma cota mensal de 6500 sacas com corte de madeira de, aproximadamente, 1.600 toneladas. Ao encerrar suas atividades, em 1977, pela escassez de matéria-prima e surgimento de um produto sintético substituto do tanino, novamente o município enfrenta uma decadência econômica com um número elevado de desempregados comprometendo seu desenvolvimento.

Anteriormente, somente Argentina e Paraguai tinham o privilégio da industrialização do tanino, pois, desde 1895, os dois países somavam um total de 26 fábricas que atuavam como fornecedoras do tanino para os mercados da América e Europa.

Para descrever a tão auspiciosa obra, o Anuário Brasileiro esmera-se no emprego de palavras que traduzam a grandiosidade do investimento.

Raia uma nova e decisiva fase de prosperidade para Porto Murinho. É o verdadeiro início, também, da própria indústria nacional da extração do tanino [...] A “Florestal” iniciou de modo mais magnífico possível, a indústria organizada, racional em grande escala.⁴⁸

O discurso seguinte apresenta quão vantajosa era a sua exploração, dimensionando as perdas com as importações do produto final que era extraído da madeira do quebracho.

Os esplendidos quebrachais brasileiros já não dormiam olvidados enquanto o país ia importando tanino e canalizando, do mesmo passo, milhões de cruzeiros para o exterior.⁴⁹

Como a atividade vinha num acelerado processo de desenvolvimento e as matas de quebracho eram generosas, imigrantes alemães e portugueses instalaram uma nova fábrica de tanino, em 1937, a Quebracho Brasil S.A., que empregava cerca de oitocentas pessoas. Rigorosos preceitos técnicos foram seguidos para a montagem das suas oficinas por técnicos especialmente contratados, bem como a elaboração e a implementação de um projeto que incluía prédios térreos para suprir as necessidades de funcionamento e moradia, seguindo uma rigorosa estrutura e organização social, no espaço que pertencia à indústria e os campos para criação de gado e cavalos, que atendiam aos interesses da mesma.⁵⁰ O esmero das palavras, no Anuário, permanece na descrição da Quebracho Brasil.

O que se nota em Porto Quebracho – um enorme movimento produtivo, uma auspiciosíssima contribuição para o adiantamento e o progresso do

⁴⁸ Anuário do Oeste Brasileiro (Anuário de Corumbá, n. 3, 1943). p. 256

⁴⁹ Idem, p. 256.

⁵⁰ SILVA, J. de M., *Fronteiras Guaranis*, 2003, p. 158.

frutuoso e encantador município de Porto Murtinho, como para o grande Estado de Mato Grosso e Brasil.⁵¹

Com investimentos e lucros crescentes, as duas fábricas atraíram, para as matas de quebracho, inúmeros trabalhadores da região norte do Estado de Mato Grosso, do nordeste e também do oeste paulista. Essa migração fomentou o aumento populacional e, juntamente com os migrantes, vieram os imigrantes alemães, portugueses e, mais uma vez, paraguaios que se instalaram no município para suprir a demanda de mão-de-obra das fábricas. Na exploração dos quebrachais, assim como ocorreu com a erva-mate, a mão-de-obra indígena e paraguaia, foi computada na aferição dos lucros. Encontramos, em Kuhlmann, uma exposição do quadro acima mencionado,

Ao sul do Pantanal, na sua parte mais estreita, diretamente em contato com a Bodoquena, há uma atividade que embora menos importante que a pastoril, é das mais prosperas da região – a extração do quebracho. Para sua industrialização foram montadas duas fabricas de tanino, com uma produção de cerca de 12 toneladas diárias.⁵²

A Florestal Brasileira investiu na construção de uma vila para abrigar os trabalhadores do tanino, que consistia na construção de casas, escola, posto médico, serviço de água, luz elétrica. Construção de oficinas mecânicas, fundições, ferrarias, curtume experimental, enfim, toda uma infra-estrutura que viesse atender aos trabalhadores evitando que eles se afastassem do local de trabalho que, nesse caso, incluía mulheres e crianças desenvolvendo as mais variadas atividades, como, lavar roupas e recolher lascas de madeira utilizadas como lenha. Nas palavras de Hipólito Soares, é possível observar a rigidez com que eram tratados os trabalhadores; em caso de faltas, eram demitidos. O contingente de mão-de-obra indígena e paraguaia disponível permitia tais demissões. Ele frisa que

Nosso chefe era um português rigoroso então a gente não podia faltar o serviço. Quando alguém faltava o serviço o porteiro já tinha ordem de juntar o cartão e levá lá pra mesa dele.⁵³

Cabe aqui salientar a análise de Oliveira ao apontar que “a disciplinarização da mão-de-obra, a fim de buscar um controle sobre o operariado, não só no espaço de trabalho, mas igualmente na vida fora da empresa, fazia parte da preocupação da elite – governo local e empresários.”⁵⁴ Essa estratégia foi amplamente utilizada pelas indústrias de tanino, no período que compreende os anos de 1935-1975. Um controle sutil, baseado na oferta de serviços essenciais, como, saúde e habitação.

⁵¹ Anuário do Oeste Brasileiro (Anuário de Corumbá. n. 3, 1943). p. 256

⁵² KUHLMANN, E., *A vegetação de Mato Grosso- seus reflexos na economia do Estado*, 1954, p. 117.

⁵³ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁵⁴ OLIVEIRA, V. W. N. de., *Estrada móvel, fronteiras incertas: os trabalhadores do rio Paraguai (1917-1926)*, 2005, p. 85.

Enquanto o Anuário descrevia com veemência o desenvolvimento, observa-se que os investimentos vultosos e o rigor na execução dos trabalhos de extração da matéria-prima, tanto da erva como do tanino, percorriam uma via de mão dupla: investimentos e lucros em curto prazo. O quadro que se apresenta é o seguinte, de acordo com o Anuário:

Entretanto, toda a região é escassamente povoada, contando apenas com um centro urbano de importância - Corumbá, [...] Porto Murtinho, que já teve grande importância na exportação do mate, é uma pequena cidade, que vive da indústria do tanino e do charque.⁵⁵

A Quebracho do Brasil encerrou suas atividades com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, quando o município foi anexado ao território de Ponta Porã, como sendo Área de Segurança Nacional. Os empresários eram, na sua maioria, estrangeiros com investimentos na região; no caso, na produção de tanino, basicamente, eram alemães, tiveram que retornar ao seu país de origem ou se ausentar do Brasil. Esse fato levou o município, mais uma vez, ao declínio econômico. Considerando que a população local, de acordo com o censo demográfico de 1939, contava com 5.843 habitantes e, em 1940, saltou para 7.262 habitantes. O número de empregados das duas indústrias, para o período, girava em torno de 2.800 pessoas, que correspondiam a 38,55% da população, ou seja, mais que um terço da população local.

A Florestal do Brasil manteve suas atividades até os anos de 1975. Silva faz uma ressalva quanto à mão-de-obra utilizada na fábrica e das dificuldades enfrentadas por ela em face da escassez da mão-de-obra. O autor aponta que

[...] dado ao isolamento em que vive Porto Murtinho, não pode chegar até lá o operário dos demais centros nacionais e, em consequência das últimas leis de imigração, já vai rareando a presença do peão paraguaio, que sempre foi o trabalhador daquela zona.⁵⁶

Quando encerrou suas atividades, a Florestal do Brasil S.A. deixou a estrutura física e, novamente, o município enfrenta uma decadência econômica com um número elevado de desempregados. Segundo dados do IBGE, o município contava com uma população estimada de 13.634 habitantes, sendo que, desse total, 14,67% fica desempregada na mesma fração de tempo, comprometendo a economia local. Além de inúmeros desempregados, a Florestal Brasileira e a Quebracho do Brasil deixaram os sinais de uma considerável devastação ambiental. Para Zarilli, “a exploração do quebracho é um dos mais sólidos exemplos históricos sobre a exploração extrativa capitalista de recursos naturais não renováveis e como este sistema gera consequências socioeconômicas negativas.”⁵⁷

⁵⁵ KUHLMANN, E., *A vegetação de Mato Grosso- seus reflexos na economia do Estado*, 1954, p. 117.

⁵⁶ SILVA, J. de M., *Fronteiras Guaranis*, 2003, p. 156.

⁵⁷ ZARILLI, A., *Transformacion ecológica y precariedade econômica en una economía marginal. El gran chaco argentino, 1890-1950*, 2000, p. 5

Essa fase consta na página da história, não apenas da cidade, mas de muitos moradores. A cidade, assim como mantém o signo deixado pela Cia Laranjeira - a locomotiva, recebeu, da Florestal e da Quebracho, os signos de uma época. São eles, respectivamente: a chaminé da Florestal e as ruínas da vila de Porto Quebracho. Atrativos turísticos do presente, preservando as marcas de um passado. Não podemos negar a pertinência das palavras de Durval Albuquerque quando explica que

Cabe ao historiador ir ao passado e interrogar as evidências que este deixou com as perguntas adequadas, munido dos conceitos e métodos apropriados, para este passado oculto revelar-se em sua lógica subjacente, agora por ele percebida, embora, muitas vezes, ignorada por seus próprios agentes.⁵⁸

Muitos moradores passaram a infância nas vilas operárias, outros trabalharam ali. Muitas famílias deixaram a cidade com o fechamento das fabricas e, conseqüentemente, ocorreu um êxodo populacional, mas quase imperceptível, tendo em vista que muitos permaneceram por não possuírem condições de retornar ou mesmo pela opção da permanência frente às dificuldades financeiras pelas quais passavam. O que constatamos é que, na sua maioria, os trabalhadores da indústria do tanino eram famílias de origem paraguaia, que atravessavam a fronteira com o intuito de melhorias na condição social.

As narrativas giram em torno de momentos vivenciados na vila operária da Quebracho S.A. Artêmio Sanchez nos diz:

Nas diversões de guri, assistindo esses enlatados americanos que eram importados pra Porto Quebracho, ali onde eu nasci, fiz meu primário, enfim tudo mais. Onde tive grandes professores, professoras. Eu sonhava em falar inglês. Então assistia aqueles filmes legendados e ouvia o ator americano falando e eu chegava em casa e queria falar inglês com meu cachorro.⁵⁹

Por se tratar de uma vila operária, as dificuldades impostas suscitavam novas perspectivas de vida, mesmo que essas estivessem contidas nos desejos das crianças e adolescentes em estudar na cidade, ou seja, entrar para o ginásio, em Porto Murtinho. Para Artêmio, aprender inglês não foi tão difícil. Encontrou Rodrigo Soares Gouvêa, com o qual fez um intercambio cultural que consistia na troca de aulas de inglês para o menino e guarani para o Senhor Rodrigo. As aulas aconteciam à noite e era feito o revezamento dos, então, aprendizes. Ele nos explica que “o seu Rodrigo me ensinava inglês numa noite e eu ensinava a ele o guarani na outra noite.” Não ocorria apenas e tão somente o intercâmbio de idiomas. Havia uma troca de experiências cotidianas que incluíam hábitos alimentares, música, religiosidade, hábitos cotidianos, como tomar tereré. Esse recorte de narrativa

⁵⁸ ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M de., *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história*, 2007, p. 24.

⁵⁹ Artêmio Sanches. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

possibilita entender que os elementos de cada grupo encerram em si um conjunto de experiências ao longo do tempo, que denominamos de história.

Os elementos, ou mesmo o grupo, ligam-se a outro, pois o homem é, naturalmente, um ser social. Assim, os diferentes povos, ao dialogarem, dão à cultura uma característica de circularidade. A cultura tem a ver basicamente com tudo que criamos, seja na linguagem, na economia, na política, na ciência, na arte, na religião. Considerando que algumas culturas, vistas como tradicionais, estão sendo rearticuladas, supõe pensarmos a cultura articulada por tais relações e mediadas pela nossa relação com a natureza.

Baseada na análise de Hunt, estimamos que as relações humanas, no caso em foco, sejam interligadas. A autora considera que “as relações econômicas e sociais não são anteriores as culturais, nem as determinam, elas próprias são campos de prática e produção cultural.”⁶⁰

Observa-se que muito dos moradores da cidade têm origem paraguaia. No período extrativista da erva-mate e, posteriormente, do tanino, e nas fazendas de gado na planície pantaneira, muitas foram as famílias paraguaias que vieram e ali se instalaram. É preciso reconhecer, num primeiro momento, que “a penetração de imigrantes nos pantanais não se fez de maneira pacífica, mas enfrentou vários obstáculos, com destaque para o elemento paraguaio, para o qual se canalizaram os sentimentos xenófobos de instituições do Estado [...]”⁶¹ Para Oliveira, o elevado número de imigrantes paraguaios em Porto Murtinho está estreitamente ligado ao fato de que o município “era a primeira cidade brasileira que os imigrantes se deparavam ao subir o rio Paraguai [...]” outro fator relevante é sua condição de “proximidade com a república paraguaia[...]”⁶² Sem maiores perspectivas de melhoria na sua condição social, trabalhavam e criavam seus filhos sem a pretensão, ou mesmo recursos, para retornar ao país vizinho. É fato verificado que havia, em muitas dessas famílias, com numerosos filhos, uma preocupação com a iniciação escolar, com a educação das crianças, que eram obrigadas a estudar mesmo que à luz de velas ou lampiões.

Tais dificuldades não impediam, no entanto, a prática das brincadeiras do cotidiano infantil, como, jogar bola, soltar pipa e nadar. Essa preocupação com a iniciação escolar das crianças estava atrelada à questão do idioma. Falava-se apenas o guarani que passou a ser proibido em muitos locais na cidade, incluindo a prefeitura, que mantinha uma placa de aviso. Para muitos pais, o fato de o filho ir para a escola e aprender o português, facilitava, em muito, as atividades corriqueiras do dia a dia, como a compra de mercadorias para o consumo da família. Na fala de muitos moradores, podemos observar que o falar guarani ou castelhano dificultava o acesso a determinados lugares públicos, no entanto, era muito

⁶⁰ HUNT, L., *A nova História Cultural*, 1995, p. 9.

⁶¹ OLIVEIRA, V. W. N de., *Estrada móvel, fronteiras incertas: os trabalhadores do rio Paraguai (1917-1926)*, 2005, p. 87.

⁶² Idem, p. 88.

solicitado quando em situações definidoras, como, por exemplo, no contato entre moradores da Colônia Peralta e Ilha Margarida, bem como com as comunidades indígenas.

Na narrativa de Ninfa Avelar, que veio do Paraguai e se naturalizou brasileira, aos doze anos de idade, é possível dimensionar as condições em que se encontravam as famílias paraguaias que vinham trabalhar e morar em Porto Quebracho. Na maioria dos casos, eram famílias numerosas, em que os filhos, desde a mais tenra infância, trabalhavam com os pais, seja na fábrica do tanino auxiliando nas mais diversas atividades, seja lavando roupas na barranca do rio ou, ainda, cuidando dos irmãos mais novos. Ela diz:

Vim com um ano de idade do Paraguai pra Porto Quebracho (...) tinha que lavar roupa, tinha que fazer muita coisa, eu tive 12 irmãos sabe, na época, tudo escadinha e eu era a mais velha da turma e tinha que ajudar a minha mãe. Então eu não tinha tempo, então eu estudava só de madrugada, três hora tava eu deitada com o lampião na cabeceira da cama estudando (...) nós estudávamos a luz de vela, lamparina, lampião, a gente as vez ia pra escola cedo, com o nariz tudo preto, sabe, do lampião porque a gente estudava das três as seis que os pais obrigava a gente a estudar porque de dia a gente não tinha tempo.⁶³

Essas informações também constam na narrativa de Artêmio Sanchez, um dos estudantes que prestou a prova, juntamente com Ninfa Avelar, para admissão ao ginásio.

Meu primeiro trabalho foi no carro alça-prima, eu fui carreiro. Acordava às três da manhã pra começar a trabalhar as quatro, fazia o quebra torto as oito e oito e meia tomava tererê. Às três horas da tarde recolhia tudo no alojamento. E a noite eu estudava com lamparina de carbureto.⁶⁴

No término das atividades com o tanino, em meados da década de 1970, a cidade vivenciava momentos áureos, conforme as narrativas. No relato de Lidia Fernandes, havia, na cidade, 16 lojas de tecidos, de roupas para festas, porque aconteciam muitos bailes e tinha também o cinema, que funcionava com gerador e depois com energia elétrica, lugar em que “todas as gentes iam bem vestidas.”⁶⁵ Havia 09 alfaiatarias, torrefação e moagem de café, muitos investimentos “de fora” em fazendas de gado, sem contar os investimentos da Florestal.

Os desfiles e eventos cívicos aconteciam em frente à prefeitura, às margens do rio Paraguai. No relato de Luiz Augusto Miranda Codorniz, ex-prefeito da cidade, conhecido como “Seo Luluca”, é possível identificar tal fato:

Em frente à prefeitura tinha um muro a uma distancia de mais ou menos 5 metros da escadaria, não tinha palanque, as autoridades ficavam ali na escada e tinha a parada militar e também os desfiles cívicos. Com a erosão a distancia do muro pro rio foi diminuindo a cada ano e com a enchente acabou tudo... Sempre depois do desfile era servido um coquetel para as autoridades, fui muito, era o prefeito e depois vice. Tudo que era festa começava ali.⁶⁶

⁶³ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁶⁴ Artemio Sanches. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁶⁵ Lidia Estefânia Ferreira Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁶⁶ Luiz Augusto Miranda Codorniz. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

O quadro apresentado pelos moradores, para o período de 1960-1980, é de uma pequena cidade onde a população cultuava, no seu cotidiano, os mais singulares hábitos e costumes. Tinha diante dos olhos uma obra-prima esculpida pela natureza: o Pantanal acalentado pelo rio Paraguai, onde emergiam pontos, ora maiores, ora menores, tracejando suas águas. Eram os navios de empresas estrangeiras que, recebendo subsídios do Governo, mantinham linhas irregulares de navegação entre Corumbá e centros da Bacia Platina. Essas imagens ficaram guardadas na memória dos moradores que, ao longe, avistavam as embarcações que serviam também como ponto de referência quando passavam pelo pequeno porto.

O transporte, desde a implantação da vila e, posteriormente, da cidade Porto Murtinho, configurou-se como fator negativo e de significativas reivindicações dos investidores que por ali passaram. O acesso e o transporte eram prejudicados pelas condições das estradas que consistiam, basicamente, em “carreiros” ou picadas e estradas carroçáveis abertas por boiadeiros na condução do gado para as charqueadas. Em períodos de chuvas intensas, tornavam-se inacessíveis e impediam a circulação de produtos. Em princípios de 1940, já eram reivindicadas estradas, especialmente, a que fazia a ligação entre Porto Murtinho e Jardim. Em face da dificuldade de acesso, a região permanecia semi-isolada, contando apenas com o transporte fluvial pelas vias de comunicação do rio Paraguai.

A cidade, na década de 1960 e 1970, é assim descrita por Hipólito Soares:

eu morava lá em Porto Quebracho, a partir de outubro, a seca era grande né. Então aquelas águas do rio Guaicuru, do rio Santa Maria que banhava Quebracho, e banha até hoje, ficava impróprio pra consumo. A gente tinha que ir buscar água lá no rio Paraguai, de Chalana ou então explorando as lagoas, os lagos que tinha no interior da Quebracho, a gente chamava de pirizeiro, pirizal, tomando água lá do campo. Então essa época pra nós era muito dificultoso, por que além do calor, a gente tinha poca água potável pra beber tinha que ir buscar longe. Aqui em Murtinho tinha sempre os carro pipa.⁶⁷

O entendimento de que o espaço urbano é constituído pela ação dos múltiplos sujeitos que o habitam e, por isso mesmo, é heterogêneo, está sempre em movimento e constante reelaboração, e é de grande importância para compreendermos as relações existentes entre os moradores. Elas são interligadas por tênues fios que unem a cidade, a natureza, onde atuam como agentes que organizam e reorganizam o espaço urbano, redirecionam estratégias que atendam aos seus interesses primários, como a subsistência.

⁶⁷ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

2.4 A singularidade de um espaço urbano no Pantanal

A princípio, entende-se que a cidade é um lugar de prática dos sujeitos que organizam e reorganizam, inventam e reinventam o espaço onde habitam, dotando-o de uma racionalidade própria, repleta de valores e práticas pelas quais reivindicam o espaço urbano, o que nos permite dizer que a cidade vai além de um espaço meramente geográfico. A cidade é constituída por limítrofes simbólicos que ordenam as categorias sociais e os grupos sociais em suas mútuas e múltiplas relações. Uma soma considerável de experiências históricas permeia tais categorias que se articulam entre si e se tornam objetos de memórias. Isso posto, “a memória liga-se, decididamente, a um lugar, ao uso e a um ritmo, logo, a uma relação espaço-temporal e não apenas a uma incursão no tempo - lugar e memória são indissociáveis.”⁶⁸

Na análise de Pesavento, “a construção de identidades urbanas tem seu acabamento na construção de paisagens, onde o enquadramento do espaço construído com seus elementos referenciais e icônicos se ajusta e se enlaça com o meio natural.”⁶⁹ Dessa forma, a cidade deixa de ser um espaço puramente geográfico, plano e homogêneo, para constituir-se em um espaço social heterogêneo, onde os diversos lugares que constituem a cidade são, na verdade, territórios dotados de uma racionalidade própria, definida pela elaboração e reelaboração dos diversos valores sociais constituídos. Para Carlos, “o modo de vida urbano produz, idéias, valores, conhecimentos, formas de lazer e cultura.”⁷⁰ Representificar uma cidade não consiste na dissociação do tempo e da sua representação no espaço, ou seja,

[...] a cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente.⁷¹

Do mesmo modo, Rolnik apresenta a ideia de que, contrapondo-se a noção de espaço à noção de território, há uma relação de exterioridade do sujeito em relação ao espaço e uma ligação intrínseca com a subjetividade, quando se fala em território: “O território é uma noção que incorpora a idéia de subjetividade. Não existe um território sem um sujeito, e pode existir um espaço independente do sujeito”⁷².

A ideia de existência de territórios no espaço urbano é a ideia do espaço como marca, como expressão, como assinatura, como notação das relações sociais, como

⁶⁸ CARLOS, A. F. A., *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*, 2001, p. 217.

⁶⁹ PESAVENTO, S. J., *História, memória e centralidade urbana*, 2007, p. 2.

⁷⁰ CARLOS, A. F. A., *A cidade*, 1992, p. 26.

⁷¹ PESAVENTO, S. J., *Memória, História e cidade: Lugares no tempo, momentos no espaço*, 2002, p. 25.

⁷² ROLNIK, R., *História Urbana: História na Cidade?* 1992, p.27.

cartografia das relações sociais e é essa marca que faz o território, ou seja, o território não existe previamente, anteriormente à marca ou ao processo social e coletivo que o produziu.

A cidade é um espaço complexo de relações onde

[...] a descoberta da cidade é a de um labirinto do vivido eternamente renovável, onde o indivíduo que nele adentra não é um ser completamente perdido ou sem rumo. É alguém que lida com memória e sensação, experiência e bagagem intelectual, recolhendo os micro estímulos da cidade que apresentam caminhos que se abrem e se fecham.⁷³

Essa é uma noção fundamental, a de entender a cidade como um espaço heterogêneo, construído historicamente pela ação dos sujeitos que a constituem. A cidade longe está de ser, e de fato não o é, uma massa homogênea, engessada, pronta e acabada, mas está em movimento, em constante transformação pela ação dos diversos e múltiplos atores que através de suas lutas cotidianas impõem à cidade um movimento de constante transformação, de apropriação de sentidos.

Toda cidade tem uma multiplicidade de histórias que contempla os mais diversos cenários, as mais diversas memórias. Atores sociais anônimos que, em suas tramas cotidianas, reescrevem as singularidades e peculiaridades dos espaços, agregando um universo simbólico próprio. Atores, como Dona Norma, que contrária às condições a ela impostas aos 14 anos, decide mudar o rumo de sua história. Além de estudar, ela trabalhava e desenvolveu muitas atividades voltadas ao comércio, dentre elas a de cubicar madeira, atividade essa atribuída como “serviço de homem”. Essa mulher, aparentemente muito simples, foi Conselheira Tutelar, funcionária pública responsável pela realização de mutirões de limpeza em muitos bairros, fala fluentemente três línguas, segundo ela mesma conta: “Falo, português, espanhol que é a língua que aprendi com minha mãe (...) aprendi na adolescência o guarani (...) com os trabalhos que eu fiz com os indígenas eu fui aprendendo o caiuí⁷⁴”.

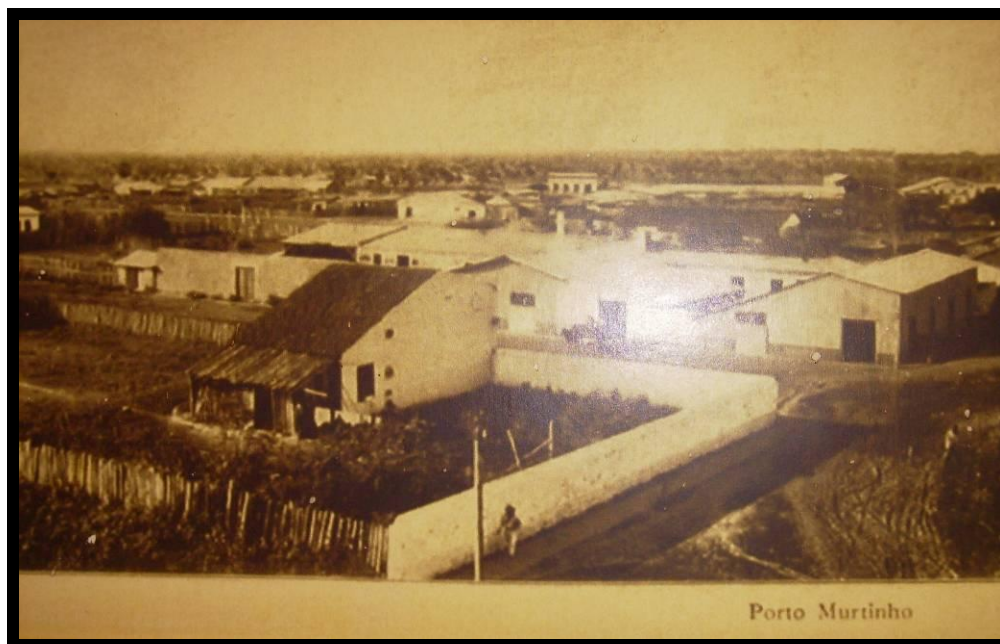
Enquanto fala, sorri satisfeita pelo caminho percorrido, pelos obstáculos que soube desviar para atingir objetivos pautados nas necessidades imediatas, mas, nem por isso, menos valorados. Diz-se ambientalista e, nas suas lutas constantes, defende a preservação do rio Paraguai, devido à grande quantidade de dejetos fecais e lixo deixado pelos barcos de turismo.

Na década de 1960 e 1970 (foto 2) a cidade mantinha o ritmo prosaico da planície pantaneira da qual faz parte. Esse estilo de vida, no entanto, está imbricado com o ritmo da natureza que se apresenta como um elemento distinto que complementa as práticas e as ações dos sujeitos.

⁷³ PESSAVENTO, S. J., *Muito além do espaço: Por uma história cultural do urbano*, 1995, p. 284.

⁷⁴ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

Foto 02 - Vista Parcial de Porto Murinho na década de 1960



Fonte: Arquivo Museu Jaime Aníbal Barrera

A cidade, além da sua materialidade, em conformidade com Pesavento, “é volume, espaço, superfície” e ainda, “é traçado, é espaço construído, é edificação [...]”⁷⁵ É também sensibilidade, isso posto, de acordo com a autora, a cidade é

Construção de um ethos, que implica na atribuição de valores ao que se convencionou chamar de urbano, é produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e que os representam; é percepção de emoções e sentimentos, é expressão de utopias, desejos e medos, assim como é prática de conferir sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam na e por causa da cidade.⁷⁶

Certamente, todos reconhecem que a objetividade absoluta não existe e sabe-se que não conseguiremos dominar essa verdade, mas apenas nos aproximamos dela. A verdade da história provém da interface entre os componentes do passado, tal como ele nos chega, através de seus vestígios documentais e do historiador que o reconstrói, buscando conferir-lhe inteligibilidade. Há, portanto, uma correlação e reciprocidade entre o sujeito e o objeto.

A análise da subjetividade nos impõe uma variável acerca da investigação, ou seja, ainda que esse manancial de experiências, não contemplado pelas fontes tradicionais encontre, na história oral, forte aliado, depende de um fator que lhe é exógeno: a continência e o desejo por parte daquele que se posiciona no lugar da escuta. A postura do entrevistador, nesse ponto, torna-se determinante. É necessária a intervenção silenciosa ou

⁷⁵PESAVENTO, S. J., *Memória, História e cidade: Lugares no tempo, momentos no espaço*, 2002, p. 24.

⁷⁶Idem, p. 24.

pronunciada do entrevistador, no sentido de estimular o entrevistado a romper o automatismo de seu repertório de experiências.

Sendo um centro urbano e sub-região do Pantanal de Nabileque, Porto Murtinho mantém traços identitários da cultura pantaneira edificada a partir da consciência do grupo.

Não tem como andar depressa, tudo é devagar aqui, tudo é calmo, tudo é tranqüilo. Acho que é por causa desse calor que faz aqui sabe, é uma certa preguiça, que não é preguiça no sentido de vagabundagem. Preguiça no sentido de indolência mesmo, que não tem como você ser, como correr e, se você correr você corre sozinho e o povo fica lá atrás, vai sozinho na frente. Então não adianta, ou você se adapta ao povo e ao jeito de ser do povo ou você fica fora do contexto. Você se adapta aqui tudo é devagar, não tem nada de correria não, é tudo de paciência, como diz o povo daqui, tudo devagarinho.⁷⁷

Faz-se relevante aqui a observação de Schama quando descreve que “antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente.”⁷⁸ Essas observações nos permitem apresentar a ideia de que a construção da paisagem é um processo cultural e humano. O que significa que, de acordo com o autor, toda paisagem é cultura antes de ser natureza⁷⁹; um construto da imaginação projetado sobre os elementos que compõem essa paisagem, como, por exemplo, a água na sua ambiguidade.

Cabe, no entanto, reconhecer que quando determinada ideia de paisagem, um mito, uma visão, se forma num lugar concreto, ela mistura categorias tornando os símbolos mais reais que seus referentes, tornando-se parte do cenário no qual a cultura atua como elemento norteador. Propomos uma reflexão, baseados na análise de Bachelard, para demonstrar a construção de uma representação sobre o Pantanal:

Antes de ser um espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica. Só olhamos com uma paixão estética as paisagens que vimos antes em sonho [...]. A unidade de uma paisagem se oferece como a realização de um sonho muitas vezes sonhado.⁸⁰

Para os moradores, “o Pantanal por si só transmite uma energia, uma paz como eu nunca vi em lugar nenhum do mundo.”⁸¹ Na narrativa de Conceição Montanheri, é possível perceber quão difícil é entender o comportamento das pessoas que visitam o Pantanal. Enquanto proprietária de um hotel, ela enfrenta dificuldades, por vezes, no trato com os turistas, que não percebem o modo de viver, o pulsar cotidiano do local. Para ela, a natureza, o Pantanal em si, com a sinuosidade de seus contornos, atua como aliado.

Eu acredito que melhor que esse Pantanal nosso aqui não tem. E então o que acontece, esse pessoal vem pra cá fala, fala, fala, grita, grita, grita e a gente fica esperando pra eles acalmar e pergunta o que a gente pode fazer

⁷⁷ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

⁷⁸ SCHAMA, S., *Paisagem e memória*, 1996, p. 17.

⁷⁹ Idem, p. 24.

⁸⁰ BACHELARD, G., *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*, 1997, p. 05.

⁸¹ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

pra melhorar. E é automática essa questão da calma, de paz aqui. Você nem que queira consegue ficar irritado, ficar estressado, vamos dizer assim, aqui na beira do rio. E não tem lugar nenhum melhor no mundo do que uma beira de rio pra tirar o stress, no meu entendimento. E não tem nenhum rio melhor pra tirar o stress do que o rio Paraguai, do que o meu Pantanal.⁸²

Esse modo de viver tão singularmente traz suas compensações que se configuram na sociabilidade do grupo, da cidade, na interação e na experiência de vida traçada a partir de necessidades básicas. A natureza se apresenta, em alguns momentos, ora como aliada, ora como inoportuna, mas não perde seu encantamento, que está muito distante do fascínio do primeiro olhar daquele que visita o Pantanal. Tal encantamento permeia o real, muito diferente das imagens pré-concebidas pelos folders e pela telinha da TV.

Antigamente era costume por aqui na época de verão, as pessoas dormir no terrero, na frente de casa, no fundo do quintal, botava a cama não tinha ventilador, né. A gente dormia no terreiro. As vez o sono tava tão bom de repente caia chuarada. A gente entrava de qualquer jeito, pegava aqueles colchão feito de capim, as vez o capim se transformava em pó e saía aquele capim caindo, a gente recolhia primero a cama dos pais, ai a gente ia recolhe o da gente. E o duro que muitas vez era cinco hora da manha e não dava mais pra continuar dormindo.⁸³

A mesma observação é feita por Conceição, que relata com saudades um aspecto singular da cidade pantaneira.

Muito mosquito, muito pernilongo, tinha aqui e com o calor isso piorava bastante, não tinha muito como... era comum você ver no quintal das casas, as pessoas colocavam a cama no quintal e amarrava o mosquiteiro nas arvores e dormiam, era fresquinho, era uma delicia dormir no quintal, e como era um cidade pacata que era e que é ainda Porto Murtinho.⁸⁴

Inicialmente, o homem se percebe enquanto sujeito do espaço geográfico. A partir dessa constatação, ele articula formas de viver e pertencer ao espaço, com o qual estabelece vínculos. Delimita ou não esse espaço, moldando-o às suas necessidades, mas não necessariamente é moldado por ele. As mútuas relações são estabelecidas a partir de necessidades intrínsecas e de sobrevivência, seja individual, seja do grupo ao qual pertence. O estabelecer das formas de sociabilidade, implica na organização coletiva que, por sua vez, mantém as características do grupo.

Como não tinha energia, o que se fazia, se sentava nas calçadas, então o vizinho do lado sentava na frente da casa, eu sentava na frente da minha. Todo mundo, toda casa que se prezava tinha um pilha de toalhinha de rosto que distribuía pra visitas quando chegava que era pra bater o mosquito, que era pra fica batendo pra espantar os mosquitos. E ficava conversando da frente de uma casa as pessoas conversavam com aquelas que estavam na

⁸² Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

⁸³ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁸⁴ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

frente da outra, e contavam histórias e falavam, enfim ficava, havia aquele bate papo gostoso que com a vinda do progresso não é, e da televisão e essas coisas, acabou, a gente sente saudade dessa época, (...) Aqueles costumes de o vizinho trocar pratos típicos. Fazia uma sopa paraguaia tinha que levar um pedaço pro outro, pro vizinho, isso existia aqui.⁸⁵

A energia que se tinha era oriunda do gerador da Segunda Companhia. Sua falta é descrita como falta de conforto para uma região com temperatura elevada. A energia era fornecida até às 22 horas e somente o quartel e algumas poucas casas tinham esse benefício. Pela falta de energia, geladeiras, ventiladores e demais eletrodomésticos faziam parte dos objetos de desejo de muitos moradores. No entanto, esse modo de vida, pautado na tranquilidade, vinha ao encontro das expectativas de muitos moradores.

Aqui em Murtinho, era um lugarzinho bem pequeno, mas ou menos 3 mil e poucos habitantes aqui na cidade. No interior todo, tinha uns 6 mil no total, onde todo mundo se conhecia (...) Era uma fábrica de tanino, muitos paraguaios aí, e as festas aqui eram muito futebol, baile, carnaval, a gente se criava com pesca, caça. Era uma cidade assim totalmente aberta, a gente vivia feliz tanto aqui quanto lá em Quebracho.⁸⁶

É preciso considerar, igualmente, em conformidade com Nora, que “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos.” Sendo equiparada à vida, está em “permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento”, mas susceptível aos usos e manipulações, as contínuas deformações e de “longas latências e de repentinas revitalizações.”⁸⁷

A história oral permite o contato com tais memórias e com os sujeitos agentes da história no tempo presente, onde os diferentes interesses entram em conflito para se impor como exclusivos. Onde a descrição do cotidiano da cidade, por seus moradores, por deveras se contradiz, passa por revitalizações, mas mantém seu cerne, primordial para a continuidade e visibilidade do grupo, enquanto agente histórico.

Considerando que possíveis alterações no ambiente repercutem na memória dos indivíduos, por dissociá-lo do contexto social em que está imbricado, as narrativas são ricas em detalhes que permitem a compreensão de como os moradores concebem as nuances do espaço do qual fazem parte.

Tem certas coisas, certos costumes que o próprio nome já está dizendo, é costume como é que eu vou chegar de fora e querer que aquele que estava ali se adapte a mim, eu não. Eu é que tenho que me adaptar ao que já existia. Porque a natureza, o Pantanal chama pra que a gente seja tranquilo, pra que a gente faça as coisas devagar, com calma.⁸⁸

⁸⁵ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Kmitta. Porto Murtinho, MS.

⁸⁶ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

⁸⁷ NORA, P., *Entre memória e História. A problemática dos lugares*, 1993, p. 9.

⁸⁸ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

Ao apresentar que, no “conjunto das características culturais pantaneiras”, a oralidade figura como especial, como um “traço cultural”, Leite analisa que ela, “quando tratada sob a ótica da pesquisa, revela a riqueza de seu conteúdo.” Ainda de acordo com o autor, esse traço, quando não aparece enquanto objeto de pesquisas, “pelo menos como componente articulador de representações e informações a respeito da relação homem e natureza no Pantanal.”⁸⁹

Para Antonio Carlos, popularmente conhecido pela alcunha de “seu Toninho”, o hábito de tomar tereré é muito criticado; no entanto, para ele, é um costume típico da região e está relacionado à sociabilidade do grupo e ao clima quente da planície pantaneira. A troca de informações que são deveras úteis para a sobrevivência de muitos, segundo ele, se dá na roda de tereré, muitos causos que fazem parte da vida dos pantaneiros, chalaneiros e pescadores são contados nessas rodas. Ele compara o hábito do tereré ao café que faz parte do dia-a-dia de muitos brasileiros, especialmente dos paulistanos. Para ele,

O tereré, é o costume da região, é o costume do povo daqui. Como você vai chegar e vai implicar com o povo. É comum a gente ouvir dizer por que ... que não toma água de uma vez, que é mais rápido, fica ai sentado nessa rodinha demorando toda a vida pra tomar um tereré.⁹⁰

Retomamos a análise de Pesavento, salientando que, se a cidade é materialidade, como descrito anteriormente, ela também é sociabilidade. Trata-se aqui de apresentar que “comporta atores sociais, relações sociais, personagens, grupos, classes, praticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos.”⁹¹ A cidade é um constante pulsar de vidas, acontecimentos e transformações que atuam para o cumprimento pleno da noção do habitar.

Seguida da sociabilidade, vem a sensibilidade. Assim, a “cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano.”⁹² Atribuição de sentidos e significados que promove. Um processo de elaboração mental, significação de espaços que são materializados pelas memórias.

Ao apontar a necessidade de buscar e interrogar os “deuses da cidade”, Calvino sugere que devemos aguçar nosso olhar e buscar os elementos que distinguem as cidades entre si. Cabe ao viajante, a sensibilidade de decifrar seus códigos, seus símbolos, sua singularidade. Ao historiador cabe analisar que “a cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente. [...] A memória é redundante: repete os símbolos para que a

⁸⁹ LEITE, E. F., *Anotações sobre cultura e natureza nos pantanais*, 2005, p. 179.

⁹⁰ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

⁹¹ PESAVENTO, S. J., *Cidades invisíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas*, 2007, p. 14.

⁹² Idem, p.14.

cidade comece a existir.”⁹³ Toda cidade tem uma multiplicidade de histórias que contemplam os mais diversos cenários, abarcando os mais diversos símbolos.

O cinema que nos tínhamos aqui eu acho que era o único também no país, acho que era o único que você podia, tinha dois ambientes: o pumo que a gente chamava na época, as poltronas com almofadas, é você vê no frio eles te serviam chocolate quente, podia fumar, chá, serviam chá, podia fumar no cinema. No verão serviam sorvete, refrigerante, chá gelado, então era diferente também, eu não me lembro, eu não conheço nenhum outro lugar nos cinemas do Brasil onde era assim, então o nosso era. São coisas que era a particularidades daqui da região, só da nossa cidade.⁹⁴

Variáveis que se agregam, se completam no mosaico urbano, agregando um imaginário que delinea o visível, na sua representação. Fragmentos de memórias que são, cuidadosamente, lapidados pelo presente que permite um movimento dinâmico e de constantes transformações da imagem posta diante dos olhos dos passantes. A narrativa que segue é acompanhada de gestos e movimentos que rebuscam na memória o cheiro, os movimentos, as cores, o som. Tudo acompanhado de uma minuciosa descrição de detalhes que marcaram uma época áurea da cidade, mas ao mesmo tempo contempla aspectos pitorescos do cotidiano da população.

Cansamos de vir a baile aqui em Porto Murtinho com Cassino de Sevilha e orquestras famosas do Brasil que vinham tocar aqui. Bailes maravilhosos, bem elaborados, onde a gente tinha que usar vestido longo e os homens terno. A gente se vestia de gala mesmo. E era assim o povo era bem vestido, era bem arrumado e elegante e bem arrumado o povo daqui. Ah, detalhe: nos bailes que a gente vinha uma das coisas boas na época, todo mundo levava pra festa, pro baile, pro salão é farofa de frango essas coisas, então não tinha lanchonete, salgadinho essas coisas, ninguém comprava. E lá pelas tantas, lá pela madrugada, pela meia noite por ai, uma hora da manha, você começava a sentir aquele cheiro delicioso de farofa de frango, uma maravilha. E as famílias trocavam, cada um oferecia, eu adorava aquilo, coisa deliciosa, olha ninguém vai fazer nunca mais farofa tão gostosa quanto aquela que a gente comia nos bailes.⁹⁵

Se considerarmos, de acordo com Bosi, que a memória, quando coletiva, produz interferências mesmo nos sonhos que classificamos aqui como sendo individual, percebemos que, nesse caso, o “instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem.”⁹⁶ Na análise da autora tal afirmação está alicerçado no fato de que “ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual.”⁹⁷

Nessa perspectiva, toda entrevista em si vem carregada de “códigos” que se apresentam de várias maneiras e cabe ao pesquisador,

⁹³ CALVINO, I., *As cidades Invisíveis*, 2003, p. 25.

⁹⁴ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ BOSI, E., *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, 1994, p. 56.

⁹⁷ Idem, p. 56.

reconhecer que a narrativa oral possui um conjunto paralelo de acessórios e complementos. Gestos, olhares, ambientes, expressões faciais fazem parte do que o entrevistado narra e, ao mesmo tempo, esses componentes trabalham para garantir o êxito da narrativa.⁹⁸

Em entrevista concedida para a Revista de História da Biblioteca Nacional, o autor de *Paisagem e Memória*, Simon Schama, ao ser indagado sobre o prazer pela narração que marca praticamente todos os seus trabalhos, dá a seguinte resposta:

É até mais do que isso. Acho que parte desse prazer vem da descoberta, encontrar e tornar visíveis pessoas menos conhecidas. É como se entrássemos numa festa e nos apaixonássemos pela pessoa mais tímida, pela mais calma, pela mais velha, ou pela mais oculta. Então, a narração se abre às histórias de outras pessoas, ao modo como elas mesmas se apresentam no tempo e no espaço e querem que outros as conheçam.⁹⁹

Aquele que está diante do pesquisador está ali se revelando, ou seja, está expondo a sua identidade, a sua história, que contém fragmentos ou o todo de suas experiências vividas, que, para ele, constituem-se na sua memória. O que ocorre é uma seleção de fatos, detalhes e acréscimos que contribuem para a continuidade dessa memória. Enquadramentos demarcados que transferem para o presente as imagens do passado, estabelecendo uma sincronia entre o tempo vivido e o presente, possibilitando a cidade viver seus mitos, ideais e práticas do fazer-se cidade, de trazer os sujeitos para esse enquadramento como partícipes a partir das experiências por ele vividas.

Relevante é considerar que não se trata de um centro urbano típico, em processo contínuo de desenvolvimento da década de 1970, trata-se de uma parcela da planície que abarca os pantanais matogrossenses. As mudanças e transformações ocorriam de forma lenta e gradual e, ainda hoje, se processam revelando facetas interessantes dessas práticas e representações que partilham movimentos de visualidades e subjetividades. Ao fazer a leitura da cidade, Seu Toninho questiona a inserção de elementos modificadores do espaço e das relações de sociabilidade que interferem e integram o seu cotidiano.

Cidade com asfalto, cidade com porto, cidade com indústria o Brasil tem os milhares, é cidade com progresso com televisão, com parabólica com tudo isso ai tem aos milhares, mas Porto Murtinho do jeito que era só tinha uma única no mundo e todo mundo gostava dela. Hoje já uma parte gosta, outra parte detesta, sabe, por que mudou.¹⁰⁰

Falar da cidade, ou do passado de uma cidade, na análise de Pesavento,

[...] implica lidar com vários tempos: o da cidade que se vê e a da que não se vê, oculta e esquecida; o tempo que passa e o que não passa, do qual é resultado o resto que fica para ser mostrado; o tempo da cidade que se

⁹⁸ LEITE, E F., *Narrativas e Imagens: A busca do passado nas palavras e nos gestos*, 2003, p.129.

⁹⁹ Entrevista concedida a Luciano Figueiredo e Lilia Schwarcz. Tradução Norma Medina. Pagando pra ver. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ed. setembro/2009.

¹⁰⁰ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

quer, dos desejos, das utopias perdidas e projetos não realizados, e o da cidade que se tem, resultante de fracassos e vitórias.¹⁰¹

Para a autora, nessa temporalidade, o tempo mais difícil é o do esquecimento, que, soterrando as lembranças, finge não existir e é constantemente revisitado por historiadores que insistentemente indagam seus silêncios em busca de respostas que venham preencher as lacunas do passado, assim, redesenhando uma nova temporalidade.

Nesse redesenhar da cidade de Porto Murtinho, as práticas culturais estão associadas às constantes imigrações de paraguaios. Faz-se pertinente destacar que

O sul-mato-grossense assimilou a cultura paraguaia em vários aspectos: na culinária, a chipa e o tereré e, na música a polca paraguaia e o rasqueado, apesar da proliferação do sentimento anti-guarani, em decorrência da imposição da interpretação que a elite brasileira fizera da guerra contra o país vizinho.¹⁰²

Hábitos e costumes que se revelam no cotidiano, nos afazeres diários, os seus aspectos míticos, culminando com a ideia de um local singular, muito diferente daquele ao qual estamos habituados. Experiências vividas que se perdem no tempo, mas não deixam de existir para aqueles que apreendem o espaço geográfico enquanto um local de cultura, onde muitas tradições se perdem com o tempo. Outras, porém, reconfiguram-se e passam por releituras, por rupturas e se apresentam às novas gerações como continuidades.

A gente tinha tradicionalmente aqui na cidade, festa de São João, tínhamos Festa de São Sebastião, saía Toro Candil, Festa de Nossa Senhora de Imaculada Conceição, que a turma, maioria são paraguaia aqui, chama de Caacupê, né. Saía bonitos bailes, procissões, Toro Candil também, a versão do Bumba meu Boi a moda paraguaia né. Onde eles fazia a armação de bambu recoberto por saco de alinhazo e arrumava uma cabeça de boi assim seco, e cada lugar do chifre eles colocavam um chifre assim embebido em sacos e óleo diesel e acendia aquele chifre. Candil em guarani significa acesso, né, toro acesso seria. Então saía aqueles, aquelas pessoas é mascarada torear o Toro Candil e o público ali assistindo e, as vezes, aquele Toro se desequilibrava e ia no meio do povo, fazia aquele esparramo assim, e assim ia das 9 ate as 11 mais ou menos, depois vinha o baile.¹⁰³

Nas atividades culturais, identificamos os vários elementos que, incorporados, resultam nesse crescente e contínuo processo constitutivo e a capacidade de assimilação por parte da população. Quando nos referimos à população, estão incluídos os cidadãos, os habitantes da Ilha Margarida, Colônia Peralta, Aldeia Bodoquena, Campina, Tamazia e São João. Referenciamos, na arte, a cerâmica produzida pelos Kadiweu, na habilidade dos seus traçados e no conjunto de cores.

¹⁰¹PESAVENTO, S. J., *História, memória e centralidade urbana*, 2007, p. 3.

¹⁰² OLIVEIRA, V. W. N. de., *Estrada móvel, fronteiras incertas: os trabalhadores do rio Paraguai (1917-1926)*, 2005, p. 87.

¹⁰³Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

O pantaneiro, junto à população urbana e ribeirinha, difunde as práticas e os costumes, como os “causos”, suas festas, os mitos, as superstições e as lendas que rondam seu universo mítico, como o enterro, o Mala Visión, o Pombero, o Carai Vosá e Lechuza. A história desse povo, constantemente, sofre modificações, mas a sua continuidade, no entanto, é assegurada pela prática da tradição oral que parte do passado pelas experiências vividas e se articula com o presente diante do ajuste com a nova realidade.

Nesse contexto, entendemos que “Porto Murtinho divide seu espaço entre dois povos nas rodas de amigos, paraguaios e brasileiros se confundem, pelas ruas os idiomas se misturam, mesmo assim todos se entendem [...]”¹⁰⁴ Peter Burke aponta para o fato de que “a adaptação cultural pode ser analisada como um movimento duplo de des-contextualização e re-contextualização, retirando um item de seu local original e modificando-o de forma a que se encaixe em seu novo ambiente.”¹⁰⁵

Se considerarmos, de acordo com Pollak, que a memória social não se configura apenas como um registro indelével de experiências passadas, percebemos que é uma construção sempre presente que os grupos sociais fazem. Isso significa que ela serve, entre outras coisas, para manter a coerência e a identidade do grupo. Fato evidente, na narrativa de Antonio Barreto.

Baile, música ao natural essa música regional, sanfona. Não tinha nada dessas caixa de som com esses aparatos. Não tinha nada disso, era gostoso, a gente vinha aqui e sentia num outro mundo aquela coisa gostosa, porque não tem outra música mais gostosa de dançar do que a polca, um chamamé. E o povo que vinha de fora também gostava muito.¹⁰⁶

É evidente, portanto, que as memórias partem de experiências comuns e compartilhadas e o fato de como interpretar tais experiências e definir o que deve ser esquecido e o que deve ser lembrado, estão, constantemente, redefinidos.¹⁰⁷

O ritmo de vida da população murtinhense segue como águas, que, delicada ou voluptuosamente, vão abrindo caminhos e deixando suas marcas, estabelecendo seus signos e perfazendo o imaginário local. Talvez o segredo esteja “no modo pelo qual o olhar percorre as figuras que se sucedem como uma partitura musical da qual não se pode modificar ou deslocar nenhuma nota.”¹⁰⁸ Quem sabe ainda pela natureza, permeada por imagens mentais que remetem à cultura dos viajantes e aventureiros que viam e descreviam a natureza através de suas metáforas.

Visão essa construída por um encantamento pelo desconhecido, quando a natureza despertava um sentimento de magnificação, como na designação “Mar de Xaraies”.

¹⁰⁴ LEON, B., *Porto Murtinho: Um paraíso no Pantanal sul mato-grossense*. Porto Murtinho/MS. 1994. p. 22

¹⁰⁵ BURKE, P., *Hibridismo Cultural*, 2006, p. 91.

¹⁰⁶ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹⁰⁷ POLLAK, M., *Memória, Esquecimento, Silêncio*, 1989, p. 3-15

¹⁰⁸ CALVINO, I., *As cidades Invisíveis*, 2003, p. 21.

Encantos tais que permearam a construção de uma representação sobre os diversos pantanais, onde a água atua como elemento definidor na composição das imagens. Retornamos a Bachelard, que sugere que “as imagens da água, nós as vivemos ainda, vivemo-las sinteticamente em sua complexidade primordial. Dando-lhes muitas vezes a nossa adesão irracional.”¹⁰⁹

Nesse quebra-cabeças pantaneiro, onde as águas desempenham o papel do tabuleiro de apoio, era muito comum as pessoas chegarem as casas e às fazendas e serem recebidas com cordialidade e hospitalidade. É identificável, nas narrativas, elementos que compõem essa “humanidade”, como muitos falam. Segundo alguns moradores, consistia em receber as pessoas como se as conhecessem de longa data, oferecer o que se tinha de melhor para fazer as honras da casa, que, mesmo simples, separava o melhor para as visitas: “Ah! Isso é próprio do pantaneiro.”¹¹⁰

Esse homem que, por deveras, foi alijado nos textos que mostram os pantanais, tem por eles um amor indelével. Cultua-os em seu aspecto transcendental, sem deixar de lado o agir oportunista no que tange à sua sobrevivência. Nas palavras de Artêmio Sanchez, “então pantaneiro é isso, é audaz. Aparentemente ele é passivo, conformista; não é, ele é audaz. Quietinho, quietinho ele faz as dele, na boa, pra melhor, esse é o pantaneiro.”¹¹¹ E continua, “pantaneiro é isso, paixão, amor, tenência, sabe. Cuidado com as coisas. Ele é manso, mas se for preciso ele vira fera. E a sua relação com a natureza é isso.”¹¹²

Semelhança encontrada na resposta concedida por Valdomiro Lemos para o projeto História e Memória. Quando questionado sobre sua visão do homem pantaneiro, se é um homem valente, é um homem bravo ou ele é um homem calmo, sua resposta foi a seguinte:

Não, o pantanero tem pessoas que acham que o pessoal pantanero são pessoas assim muito bravo, pessoa servage, né? Mas num é. O pantanero são pessoas boa. O pessoal que sabe arrebê tudo mundo, sabe conversá (...)¹¹³

E prossegue:

(...) que o pessoal são muito bravo que pantanero são muito bravo, ficam parada assim, numa sombra, cada um com um monte de revolve na cintura. Então tem pessoa que já olha pro camarada que tá parado, o camarada pergunta o que tá olhando, se a pessoa responde, ele já atira... Não é assim não (...) Acho que o pirigo é na cidade, né? A cidade é muito forte.¹¹⁴

No Jornal, *Folha da Tarde*, de Corumbá, deparamo-nos com a seguinte manchete “O dinamismo da pecuária é o marco atual do progresso corumbaense” apresenta um breve

¹⁰⁹ BACHELARD, G., *A água e os sonhos; ensaio sobre a imaginação da matéria*, 1997, p. 08.

¹¹⁰ Artêmio Sanches. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

¹¹¹ Idem

¹¹² Idem.

¹¹³ Valdomiro Lemos. Entrevista em dezembro/1996. Projeto Historia Oral e Memória. Corumbá, MS

¹¹⁴ Idem.

histórico sobre o Pantanal, afastando a ideia de pântano e, o desenvolvimento da pecuária, dos investimentos de serranos e paulistas na pecuária. Mas o que chama a atenção são as consideráveis linhas para traçar o perfil do homem pantaneiro, elemento componente do dinamismo e progresso da região. A descrição está centrada em elementos que exaltam a bravura de uma “raça” moldada por bandeirantes e indígenas que percorriam os vastos campos alagadiços dos pantanais. Para o redator da referida manchete

O pantaneiro de hoje não brotou do húmus fértil das vazantes, nem frutificou do dia para a noite das floradas dos cambarás e piúvas que bordejam nossos corixos e baías. É uma raça moldada no vagar de muitos sois e muitas luas, com sangue de bandeirante a se misturar com Guatós canoeiros, Guaicurus cavaleiros, pacíficos Guanás e belicosos Paiaguás, fundida com sangue dividido com mil mosquitos de caçadores de capivaras e zagaieiros valentes; no cadinho dos entreveiros das emboscadas fluviais em que a zinga e a lança eram a mesma; nos combates de capturas e bandoleiros; ecos e presença de guerra e revoluções com o rebanho tresmalhados pelos cerrados.¹¹⁵

Quando explica que a relação com a natureza não está centrada apenas em interesses, mas também em valores, a ideia, apresentada por Martins, salienta que “em qualquer sociedade, a natureza é fonte de valores e representações intrincados, complexos, contraditórios, que nutrem as artes, as religiões, os mitos, os saberes.”¹¹⁶ O Autor acrescenta que “a natureza é uma construção cultural, concretizada nas concepções de mundo. É também marco da memória e indicador de pertença.”¹¹⁷ Na concepção de natureza pantaneira, muitos elementos são ressignificados e atribuídos como valores para o homem; como observamos acima, não há mera possibilidade do entendimento de elementos humanos e naturais isoladamente, o que denota um processo interativo. Na formação de uma identidade pantaneira, fatores, como a formação dos espaços, figuram entre os fatores decisivos visto que compõem um universo imaginário de grande influência na mobilidade e por conferirem um caráter encantado à natureza.

Nos relatos que obtivemos, através de entrevistas, entre palavras, surgem gestos e ações que nos surpreendem. O fato de chegar a uma fazenda, isso nas décadas de 1960, 1970, e meados dos anos 1980, e mesmo em períodos anteriores, das ditas pessoas antigas, no palavrado local, era impossível sair sem ter desfrutado de uma boa refeição e de uma noite de sono. A satisfação dos donos da casa ficava evidente com a aceitação do convite para o pernoite, caso ocorresse o contrário, seria uma ofensa. Servir o melhor e receber da melhor maneira possível, disponibilizando casa, cavalos, tudo que atendesse a suas necessidades. As camas “com o lençol de saco branco, mas era tão branquinho e

¹¹⁵ *Jornal Folha da Tarde*, 07/12/1973. Corumbá, MS.

¹¹⁶ MARTINS, M. L., *História e Meio Ambiente*, 2007, p. 30.

¹¹⁷ *Idem*, p. 30.

cheiroso”. Era prática comum perfumar os lençóis com talco. A falta de eletricidade era contornada com criatividade e “não tinha água gelada”, mas, em compensação, “tinha maracujá”, que deixava a água saborosa e “matava a sede.” Tinha a “banana madurinha”, que completava o cardápio.

Reminiscências acompanhadas de gestos, do choro, de aromas, de sabores e do olhar perdido, descortinando longínquos horizontes. A nostalgia traz também observações pertinentes à realidade dos pantaneiros. Como na narrativa de Braz Leon ao pontuar que “o pantaneiro não existe mais. O fazendeiro do Pantanal não conhece a cultura do Pantanal, veio de fora, não conhece o lugar.” Ele prossegue destacando aspectos inerentes à cultura pantaneira que se perdeu com o tempo.

Hoje não se come um carreteiro como há uns bons anos atrás. Hoje ninguém trança um laço, não sabe. Antigamente um menino de 7, 9 anos trançava um laço, laçava bem, conhecia o lugar como ninguém, hoje não. Quem faz uma guaiaca hoje? Ninguém. Isso não é ser pantaneiro. Isso é estar só de passagem pelo lugar.¹¹⁸

A lástima está centrada na questão de que muitas propriedades, no Pantanal, hoje, passaram por transformações e, em muitos casos, a população local, os ribeirinhos, os peões são esquecidos.

Costumes que, por vezes, garantiam a sobrevivência das famílias, como, por exemplo, o direito de peão de carrear um novilho para seu sustento e também repartir a carne entre os peões de fazendas vizinhas, o que garantia a carne fresca e evitava o abate desnecessário. É pertinente ressaltar que tal prática era muito comum e, por vezes, assegurava a alimentação da família dos peões que tangiam suas boiadas deixando mulher e filhos. Com um caráter essencialmente híbrido, oriundo da miscigenação, a cultura pantaneira, através de gerações, se esforça em manter vivas diversas características e aspectos singulares herdados das culturas indígena e paraguaia.

Destacamos, aqui, um caráter essencial e estruturante de relações sociais e da relação com a natureza que consiste na lida com o gado, na qual muitas das atividades desenvolvidas adquirem um caráter lúdico e de diferenciação, de identificação, bem como o desenvolvimento de laços de afetividade para com determinadas categorias de animais. Ao descrever essa convivência com animais, Banducci Júnior faz a seguinte observação:

O convívio entre o pantaneiro e os animais domésticos evidencia que, longe de expressar um interesse meramente pragmático, a relação que entre eles se estabelece, baseada no contato diário, na afetividade, no diálogo mútuo, possui uma infinidade de outros significados.¹¹⁹

¹¹⁸ Braz Antonio Leon. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS.

¹¹⁹ BANDUCCI JUNIOR, A., *Sociedade e natureza no pensamento pantaneiro: representações de mundo e o sobrenatural entre os peões das fazendas de gado na “Nhecolândia”*, 1995, p. 96.

Voltamos ao ponto da questão, salientando que essa proximidade, acima descrita, não anula, no entanto, a dicotomia entre o homem e o animal. Conforme exposto, anteriormente, o domínio humano sobre a natureza advém de uma necessidade consensual que, por sua vez, está legitimada pela sobrevivência, ou seja, para suprir a necessidade de subsistência. Portanto, mesmo que seja um domínio abrandado por determinados esquemas, como a proibição da morte e o maltrato de alguns animais, a caça, em dias ditos santos, o respeito pelo mundo natural e pelo sobrenatural, esse domínio se reflete na adaptação e constante ressignificação da cultura pantaneira.

Trata-se de uma forma de organização social que se perde com o tempo. Alguns valores de sociabilidade estão sendo suplantados pela comercialização das fazendas que resulta em uma questão relevante, a pertença. Para muitos “os peão que vive aqui, que muito patrão vive em outra cidade, os peão que passa o ano intero a vida inteira nessas fazenda.” Para Braz Leon, “o pantaneiro não existe mais, o fazendeiro do Pantanal não conhece a cultura do Pantanal, veio de fora e não conhece nada do lugar.”¹²⁰ A narrativa de Proença contempla os mesmos aspectos, quando diz que

O pantaneiro se adaptou a essa região. Hoje por exemplo, esse homem tá sumindo né, quase não existe mais, até porque antigamente era muito difícil você sair de uma fazenda pra ir à cidade, não tinha avião, tinha o “teco-teco” ainda, então era bastante, e as pessoas moravam na fazenda, as famílias moravam na fazenda, só saiam da fazenda pra vir comprar os é o que necessitavam aqui em Corumbá e trocar os artigos da fazenda por artigos que necessitavam como sal, açúcar né? E vendiam queijo curado, vendiam o couro de boi, então foi anos e anos de adaptação a essas, essas circunstâncias da natureza, quer dizer o homem pantaneiro foi moldado por essa natureza.¹²¹

Faz-se pertinente recorrer à análise de Leite que, nesse ponto, apresenta o pantaneiro como

um indivíduo que também recebe influencias externas, sendo levado a coexistir com hábitos estranhos ao local [...] Isso faz com que os hábitos simples e rústicos do homem local sejam confrontados com outros estágios culturais geralmente urbanos, momento em que traços como a espontaneidade e o saber empíricos perdem espaço para a tecnologia.¹²²

Encontra-se, na narrativa de Braz Leon, uma preocupação latente com a preservação da cultura local, para ele, “as histórias ficam só com os mais velhos.” A justificativa está pautada no fato de que os jovens têm internet e uma enxurrada de informação que, por vezes, é utilizada para “educar” os pais. No entanto, a preocupação de Proença centra-se na manutenção do tradicionalismo de famílias pioneiras da região. Mas em ambas as narrativas encontramos uma preocupação que se estende para a preservação

¹²⁰ Braz Antonio Leon. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS.

¹²¹ Augusto Cesar Proença. Entrevista em julho/2008. Corumbá, MS.

¹²² LEITE, E. F., *Marchas na História. Comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal*, 2003, p. 75.

da tradição oral e dos costumes que, aos poucos, estão se perdendo no tempo. Cuidar, para Braz Leon, está centrado no aspecto da conscientização porque, “se alguém destrói alguma coisa porque não sabe, nós somos culpados porque sabemos e não fazemos nada.”¹²³ A preocupação e a importância dispensada ao meio ambiente pantaneiro está intimamente associado aos ciclos relacionados às enchentes e às vazantes.

Tanto o universo rural ribeirinho, quanto o universo urbano de Porto Murtinho, articula-se de maneira a assegurar a continuidade das atividades locais. Muitos recursos e estratégias eram adotados para compensar as dificuldades que se apresentavam para esse pequeno centro urbano, na orla do Pantanal de Nabileque, banhado capciosamente pelo rio Paraguai. Doar vacas para um leilão, com o intuito de trazer a televisão para a cidade, mutirão para a melhoria habitacional, implantação do conselho tutelar, de escolas, criação de novas frentes de trabalho, quermesses, tudo envolvia as pessoas que se dizem “festeiros por demais”. Para esses, “piada é contada em guarani, é muito mais engraçado que falada em português, ”que dizem ter o dom de contar piadas e “pra falar essas coisas assim engraçadas.” Em conformidade com Dona Norma

É todo mundo. A maioria das pessoas gosta demais de festa. A nossa cultura aqui, nos somos movidos a festa, e gosta de festa, não sei porque, eu não posso ouvi musica e todo mundo é assim, as pessoas gostam de cantá, tocá, tem dom pra isso, tem talento pra canta, não sei se já vem no sangue aqui todo é levado assim pra questão festiva, tudo pra nós aqui se torna festa.¹²⁴

Alegria essa que acompanhava a realização e a concretização de mutirões de limpeza, em bairros, em escolas,

no final acaba com festa, é um bailinho ali a gente monta um palanque lá e vamo lá, na rua mesmo. E as festa religiosas então, levamo no pé da letra, Nossa Senhora de Cacupé aqui com a festa dela é assim, talvez seja a de Nossa Senhora de Nazaré lá de Belém.¹²⁵

A unidade do grupo é plausível, considerando que todos se conheciam. O grupo percebe e reconhece a cidade como uma grande família. Todos ajudavam a todos, todos se divertiam e mantinham a unidade balizada no cotidiano por aspectos convencionados pelo grupo. Vivendo uma temporalidade ímpar que incluía a seca que castigava o Pantanal por mais de uma década. Relatos de queimadas, de falta de água potável, de calor intenso, a penúria do gado atrás de água nas fazendas, é matéria da argamassa para a junção das peças do mosaico pantaneiro.

A estação das secas nos pantanais tem reflexos de maior intensidade na vida dos moradores dessa região. Consiste em fator agravante no que tange às queimadas que se

¹²³ Braz Antonio Leon. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS.

¹²⁴ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹²⁵ Idem.

sucedem em muitas fazendas e arredores. A descrição do período das secas é feita pelos moradores, pescadores, chalaneiros de forma mais lúgubre.

O Pantanal depois da enchente foi feio, por que morreu muito animal. Morreu muito capivara. Morreu muito jacaré, morreu vaca, gado. Fazenda passou mal, depois da enchente morreu muito animal. Seca, vem essa seca depois, seco. O Pantanal ficou vazio de água. Esse daí matou muito, muito peixe. Ficamos um tempão, um ano e seis meses sem peixe aqui. Você não conseguia pegar nem piranha depois da seca, né.¹²⁶

Associada a grandes perdas do rebanho bovino e de grandes extensões da vegetação que espalha o fogo como um rastilho de pólvora. As queimadas, por vezes, sacrificam homens e animais, alterando o mosaico imagético pantaneiro. A narrativa, a seguir, dimensiona o fato.

Tragédia triste que houve aqui foi na década de [19]60 mesmo, não de [19]70 (...) aí do lado direito da rodovia e plantaram aquele colônio aí veio uma época de seca, que aquilo tava seco e pegou fogo. Morreu vários empregados deles asfixiados e outros queimados por fogo, aí no campo. Mais ou menos no km 15 ao 19 por aí do lado direito. Um vento muito forte pegou fogo no colônio e os peões que moravam lá pro interior, morreram asfixiados, queimados.¹²⁷

As secas são um agravante no que tange ao turismo. O período é de grandes provações para os pescadores que são, também, condutores de turistas que buscam a pesca no Pantanal. A dificuldade de encontrar peixes, gerando atritos entre os chalaneiros e turistas. Vejamos a narrativa do pescador Antonio Soria, que está centrado na queixa de muitos pescadores da região pantaneira de Porto Murtinho e Corumbá. O período ao qual se refere é logo após a enchente de 1982.

Ichi Maria! Eu me lembro que naquela época, nois lutava por que vinha turista, vinha turista e não queria nem saber, queria levar peixe e pensava, e pensava. Com a cabeça assim, por que turista fica cobrando você: Ô piloto, me leva onde tem peixe! Me leva onde tem peixe! E você fica preocupado: Onde que vou conseguir esse peixe pra esse cara?¹²⁸

Na sequência da narrativa, é possível verificar a influência das imagens, na escolha do local, pelo turista. As imagens são construídas a partir de uma atividade econômica, no caso, o turismo, atuando como elemento decisivo nas relações entre o turista e a população local.

Ai o dono do barco cansou. Pra ele o turista fica reclamando, isso e isso. Menino! Por que tem esse, fala de Pantanal, fala que tem peixe! Nois viemos pra pega peixe e não pega nada. Reclamação daqui pra lá, até pra ele cansa. Por que eles solta a propaganda de peixe. Tá bom de peixe! Ai vem o turista e vê outra coisa.¹²⁹

¹²⁶ Antonio Soria. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

¹²⁷ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹²⁸ Antonio Soria. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

¹²⁹ Idem.

Em períodos de estiagem, poços artesianos são perfurados para suprir a necessidade de água para o rebanho bovino e também para a população. As chuvas de 1974 foram intensas em, praticamente, toda a planície pantaneira, afetando consideravelmente a economia pecuarista. O caminho das águas, na enchente de 1974, era acompanhado pelos jornais que sinalizavam a diferença no nível das águas da enchente de 1959 para 1974.¹³⁰ Com base nos índices registrados pelo 6º Distrito Naval, em Ladário, o índice de 1974 é inferior ao registrado em 1959. O alerta estava centrado no deslocamento de um considerável número do rebanho bovino para que não houvesse grandes perdas, em função da disponibilidade do transporte para a movimentação do rebanho para outras fazendas em terras mais altas.

Ao descrever os aspectos da enchente de 1959, o jornal *Folha da Tarde* lança um questionamento no que tange à periodicidade das cheias no Pantanal. Eis parte do teor da manchete que abrange especulações referentes à ação do homem no ecossistema pantaneiro;

Quando na grande cheia de [19]59 comentava-se que esses calamitosos extravasamentos do Paraguai só ocorriam de 50 em 50 anos. Agora estamos preocupados com a repetição do fato apenas 15 anos depois da última. Será isso possível? Não teriam concorrido as alterações provocadas pelo homem na natureza, na geografia para esse fenômeno?¹³¹

Esse foi um dos primeiros sinais de uma enchente que se repetiria uma, duas, três vezes, mudando para sempre um cenário de calmaria, alterando uma paisagem, e a vida dos moradores. Os jornais traziam longas reportagens falando a respeito das chuvas esperadas para o período e a preocupação com a remoção do rebanho bovino nos pantanais. Mas poucas eram as linhas que mostravam a preocupação com o elemento humano, componente do quadro que se delinearía a posteriori.

2.5 A cidade e as águas: o Paraguai espriado tracejando o “mar de xaraies”

No diálogo de Platão, Crítias define o Nilo como um rio “salvador”: suas águas sobem gradativamente, ao contrário das torrentes gregas que despencam das altas montanhas, ameaçando de destruição cidades como Atenas. Essa coerência de comportamento, prossegue Crítias, é a razão essencial pela qual, no Egito, os templos e monumentos se preservaram melhor que em outros lugares; o que faz do Nilo o rio da longevidade, da memória.¹³²

No ciclo das águas, quando o rio Paraguai se espriai, a dimensão pragmática é suplantada pela influência de tais ciclos, no imaginário pantaneiro, contribuindo para a

¹³⁰ *Jornal Folha da Tarde*. 25/04/1974; Corumbá, MS.

¹³¹ *Jornal Folha da Tarde*. 14/02/1974. Corumbá, MS

¹³² SCHAMA, S., *Paisagem e memória*, 1996, p.264.

moldagem de sua visão de mundo. Ao percorrer os espaços inundados, o habitante da planície pantaneira alimenta sensações como as de imersão e diluição do homem no meio em que se encontra, e o despertar de sentimentos de uma mútua integração, de liberdade, da inexistência de limites.

Os ciclos de águas moldam as atividades humanas de maneira que podem ser admiradas e marcadas pelo respeito, enquanto uma demonstração de supremacia da natureza perante o domínio do homem. Para os chalaneiros, as enchentes apresentam um Pantanal “que se perde e se confunde com o céu, não tem limites.”¹³³ São duas dimensões distintas, aqui equiparadas pela perspectiva da pertença nas duas esferas. Novamente, deparamo-nos com a água enquanto elemento que transita pela vida e pela morte, enquanto elemento de renovação e destruição.

Essa admiração está marcada pelo signo da impossibilidade do controle e, ao mesmo tempo, reafirmando a identidade do homem que resiste às condições de um ambiente hostil para muitos, que demonstra um conhecimento profundo dos ciclos das águas e da vastidão dos campos encharcados, que mantém sua mobilidade percorrendo o caminho das águas. Resistência, liberdade, força, beleza e encantamento norteiam as estratégias por ele adotadas para passar pelas enchentes nos Pantanaís nas quais nunca perde a direção. Elementos esses componentes da identidade pantaneira que não permitem a dissociação do conjunto de afinidades e valores, se não estiverem atrelados a referência territorial da região dos pantanaís. Caso isso ocorra, inviabiliza tal compreensão, tendo em vista a interação advinda do homem com o seu meio ambiente, supondo uma relação aparentemente harmônica e de supremacia.

As enchentes no Pantanal já constavam nos relatos dos viajantes desde o Século XVI e despertavam fascínio e repulsa. Mas os primeiros relatos das enchentes em Porto Murtinho datam de 1905 e foram registrados por Rondon, que ali esteve para instalação do posto telegráfico. O governo, na época, estava empenhado em expandir a rede telegráfica nacional.

Com a denominação oficial de “Comissão Rondon”, visava a instalação e expansão de uma rede telegráfica que se iniciava no sul do Estado de Mato Grosso atravessando a noroeste do Estado, atual Rondônia, percorrendo o extremo sudoeste do Amazonas, atual Acre, porém não chegou ao seu destino previsto, que seria Manaus. No entanto, o que se cogitava era a possibilidade do “avanço da República pelos sertões inóspitos, habitados por populações arredias.”¹³⁴ Havia, por parte do governo, urgência em ocupar e dilatar fronteiras

¹³³ Anotações no caderno de campo. Conversa com chalaneiros em Porto Murtinho.

¹³⁴ BANDUCCI JÚNIOR, A., *Turismo cultural e Patrimônio: A memória pantaneira no curso do rio Paraguai*, 2003, p.128.

defendendo a perspectiva positivista civilizatória de progresso que contribuiria para a manutenção da ordem pública. Na análise de Maciel,

A crença no papel transformador da ferrovia e do telégrafo, capazes por si mesmos de povoar e “civilizar” os locais mais ermos e distantes, não era nova e impregnou com frequência o ideário do poder local, ocupando durante longo tempo os estadistas brasileiros desde o império.¹³⁵

Na historiografia, no que concerne à região matogrossense, os termos vazio e sertão são associativos nesse período, denotando pejorativamente incivilização. Encontramos ideia similar em Corrêa, quando apresenta considerações ressaltando que “foi bastante comum o uso dos conceitos desbravamento e vazios territoriais e populacionais, com o intuito de justificar o processo efetivo de ocupação do sertão que ocorreu nesse período.”¹³⁶

A anotação da enchente, em Porto Murtinho, consta no diário de Rondon, dessa forma:

[...] no dia 13 partimos para Porto Murtinho, onde chegamos a 17, com um trajecto de 35 léguas. [...] Esta Villa, não obstante a grande inundação de 1905, que lhe causou aviltados prejuízos e estragos, vai se desenvolvendo regularmente.¹³⁷

As anotações em seu diário relatam a “terrível situação e o desespero” em que o povo se encontrava: “as pessoas se encontravam despreparadas e as ruas completamente inundadas, estando a população sujeita a todo tipo de perigo.”¹³⁸

Os registros das enchentes constam dos relatos dos moradores. Em entrevista com Seu Firmo, um dos nossos entrevistados, ele assinala que

Em 1905 isso aqui era um povoado somente, não era cidade, não era nem vila nada era um povoado, houve uma grande enchente aqui que não se tem noção da medida da altura dessa enchente (...) então se sabe dessa enchente porque o Marechal Rondon estava instalando linhas telegráficas (...) ele tinha um diário e nesse diário consta que ele esteve aqui, que o povoado estava inundado (...).¹³⁹

É possível verificar que, nessa enchente, em 1905, Porto Murtinho era um povoado, não figurava nos registros como vila ou cidade. Portanto, não seria possível ter a noção das proporções, mesmo que aproximadas, da altura das águas. Não se tinha como medir, não tinha aparelhos ou régua de cálculo para medir o nível das águas. Face a tal observação, a descrição a que nos referimos acima, pode conter dados imprecisos, mas perfeitamente aceitáveis e cabíveis, mediante as conjecturas do período.

Outra enchente, datada de 1959, consta nos relatos de alguns moradores mais antigos. É descrita por Firmo Fonseca da seguinte maneira:

¹³⁵ MACIEL, L. A., *A comissão Rondon e a conquista ordenada dos sertões: Espaço, telégrafo e civilização*, 1999, p. 169.

¹³⁶ CORRÊA, L. S., *História e Fronteira: o sul de Mato Grosso 1870-1920*, 1999, p. 92

¹³⁷ ALBUM Graphico do Estado de Matto- Grosso, 1914, p. 400.

¹³⁸ LEON, B., *Porto Murtinho. Nossa Terra, nossa gente, nossa história*, 1999, p. 28.

¹³⁹ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS.

Em 1959 houve também uma enchente em Murtinho, só que foi meio termo (...) não chegou a 8 m de altura (...) quer dizer não chegou a entrar água na cidade (...) não houve males para a população, apenas receio, medo, mas não chegou de acontecer nada grave ([...]).¹⁴⁰

A enchente de 1959 inundou a cidade, em agosto, o nível das águas chegou a 7,75 m, no entanto, não registramos relatos de deslocamentos. Na cidade, os danos foram significativos, especialmente por ter atingido as fábricas de tanino da região. Outro aspecto gerador de perdas foi a pecuária e também na forma como eram construídas as casas, cujo reboco era argila e, em sua maioria, da madeira do carandá.

A descrição de Ninfa Avelar dessa enchente traz aspectos pitorescos. Aponta-nos para estratégias elaboradas pelo homem, para seu deslocamento em períodos de cheias. Assim, diz ela:

Agora eu me lembro da enchente de [19]59; me lembro muito que eu andava com meu pai de balsa: eles pegava uns pau e amarravam faziam aquela balsa. Sabe, aquela balsa? Juntava tudinho, aqueles pau amarrado e com um pau a gente vivia andando ai pelo mato. E tinha um jirau enorme, e se não me engano aquele jirau tinha mais de 10 metros, escada faziam tudo de pau, tudinho de coisa natural, nada de manda faze, vai comprá, isso não existia na época nada disso.¹⁴¹

A partir de então, em 1979, 1980 e 1982, as enchentes causaram um maior impacto, deixando marcas profundas na cidade e na lembrança da população. Em dezembro de 1978, as autoridades locais sabiam dessa enchente baseados na quantidade de chuva, em Mato Grosso. A defesa civil do Estado, que se encontrava em Porto Murtinho, convoca as autoridades locais e os militares, para uma Reunião no Clube Caiçara, na primeira quinzena de fevereiro de 1979. Assim, é o relato do Senhor Firmo que, na época, fez parte da comissão instalada pela Defesa Civil:

Foi criada a comissão de Defesa Civil do Estado e em fevereiro, na primeira quinzena de fevereiro de [19]79 esteve aqui a Comissão da Defesa Civil com representantes do corpo de bombeiros, com representante da policia militar, da policia civil e o prefeito (...). Esta reunião foi no clube dos caiçaras na primeira quinzena de fevereiro de [19]79 e ali então a Comissão de Defesa Civil do Estado, comunicou a todos nós que realmente a cidade seria tomada pelas águas e... previu mesmo até a altura que esta água chegaria (...) seria de no máximo 9.30m e no mínimo 8.30m então ficou assim o cálculo e realmente atingiu 9,12m foi a enchente.¹⁴²

Formada uma comissão, ela recebe o alerta da defesa civil de que a cidade poderia ser tomada pelas águas. Não localizamos registro público dessa reunião, apenas relatos. Na entrevista com Braz Leon, percebemos o quão significativas foram as perdas de documentos referentes ao período das enchentes, em Porto Murtinho. Ele pontua que

¹⁴⁰ Idem

¹⁴¹ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

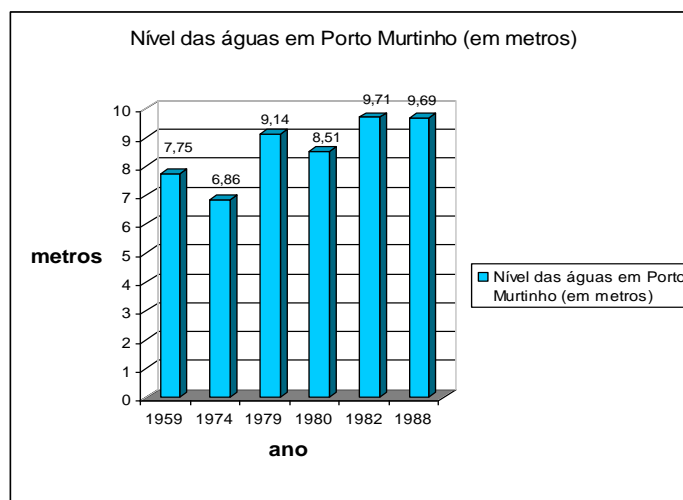
¹⁴² Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS.

Não se preservou documentos, tudo se perdeu com o tempo. É preciso recuperar isso pra levar para as escolas, até as crianças para que vejam que o povo resistiu as dificuldades. É um povo que merece ser conhecido e, muitos não sabem nada do que aconteceu aqui.¹⁴³

O nível das águas, em 1979, atingiu as populações ribeirinhas e urbana, as quais se utilizam dos jiraus como recurso para “passar” pela enchente. Os jiraus são elevações feitas sobre postes fincados no chão, sobre os quais se assenta um tablado que serve para o resguardo de objetos e pessoas. Esse recurso foi utilizado por muitas famílias por ocasião da ocorrência das enchentes de 1979, 1980 e 1982, e é um mecanismo comum na região pantaneira afetada por inundações.

Nos registros do nível diário das águas, pelo Serviço de Sinalização Náutica do Oeste, no 6º Distrito Naval em Ladário, verificamos que, em 1959, o nível chega a 7,75 metros, no mês de agosto. A máxima mensal, para agosto, registrada em 1974, foi de 6,86 metros. Para as enchentes de 1979, a máxima mensal foi registrada em junho, atingindo 9,14 metros e, para 1980, o nível máximo registrado, em julho, foi de 8,51 metros. Para 1982, o índice máximo mensal foi em julho com nível de 9,71 metros e, 1988, com máxima mensal, em agosto, de 9,69 m, conforme se verifica no gráfico a seguir. O pico das elevações dos níveis diários das águas ocorre entre junho e agosto, período de frio intenso e muita umidade, o que dificulta ainda mais os deslocamentos.

Gráfico 3 - Nível das águas em Porto Murtinho (1959-1988)



Fonte: Serviço de Sinalização Náutica do Oeste em Ladário (MT/MS)

Muitos não acreditavam que, em 1979, seria uma grande enchente. Sabiam da quantidade de chuva, mas não acreditavam na possibilidade de ocorrer uma grande enchente. Diferentemente do que acontece em regiões que enfrentam inundações, no

¹⁴³ Antonio Braz Leon. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

Pantanal, as águas avançam em ritmo lento. Sendo o Rio Paraguai um rio de planície, o volume das águas vai se espalhando pelos pantanais e avançando pelos centros urbanos ao seu entorno, lentamente. Na medida em que as águas avançam, a população se desloca.

Nas enchentes, o rio o Paraguai espalhado espalha suas águas e invade os espaços que o cercam, sem pedir licença, pois sabe que as pessoas que habitam em seu entorno conhecem o ritmo de suas águas. É pertinente destacarmos aqui as palavras do Professor Firmo, quando conta como é o ritmo de crescimento das águas que no

Rio Paraguai é bastante lento por ser um rio de planície a velocidade máxima da água aqui na enchente era em torno de 16 km por hora... de modo que não era uma enchente avassaladora como acontece em outras partes do Brasil e do mundo... aqui a água chegava... chegou lentamente... só no auge no pique da enchente mesmo é que ela subia 10 cm por dia 15... mas de principio subia 2...3 cm.¹⁴⁴

As transformações ambientais, mudanças e estratégias, operadas pelos homens que habitam a região dos pantanais, estão associadas à natureza e ao ritmo das águas. Para Conceição, a água avisa quando vai chegar.

As enchentes daqui não são como as outras que acontecem por ai, no sul, por exemplo, de um dia pro outro você dorme e no outro dia você acorda com tudo boiando, tudo dentro d'água. Aqui não, ela avisa quando vai chegar, e vai chegando de mansinho e sobe 3 cm e sobe mais 5 e sobe 10 e vai dizendo pra gente: olha eu tô chegando; você tá vendo que eu tô vindo! Então ela te dá tempo de se proteger. Ela te dá tempo de você tirar as suas coisas, de fazer e colocar cavalete, colocar madeira, tábua em cima, suspender as suas coisas. Então ninguém perde nada assim, não há perdas, não.¹⁴⁵

Obviamente, ocorrem perdas consideráveis, como, por exemplo, na enchente de 1979, muitos perderam tudo que possuíam. As casas, em sua grande maioria, continham reboco de argila, com o grande volume de água e, no período de 6 (seis) meses, essa argila se dissolveu, causando perda total. Mas, para os moradores, isso acontece e ponto. O importante, para eles, é que todos saiam bem, ilesos, são sobreviventes desse ciclo de águas. Os bens materiais são recuperáveis e refaz-se o ciclo cotidiano no entorno do rio, onde a água figura como elemento onírico e prioritário.

Analisa como uma experiência que é tida como um valor referencial para a sua vida, enquanto homens e mulheres nesse pedaço de chão, constantemente visitado pelas águas. Essa afirmação está contida na narrativa de Dona Norma e é partilhada pela maioria dos entrevistados. Ela nos diz: “é uma experiência única pra nós, acho que a gente tivemos uma aula de sobrevivência, hoje pra nos essas coisas quando a gente vê pela televisão, nos sobrevivemos a esta questão.”¹⁴⁶

¹⁴⁴ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho/MS.

¹⁴⁵ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

¹⁴⁶ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

Foi a enchente de 1979 que levou as águas do Pantanal e Porto Murtinho a ocupar as páginas da Revista *Veja*, que trouxe uma reportagem com um título muito sugestivo referindo-se à enchente: “Dilúvio no Pantanal”, que, de acordo com a reportagem, as cheias acontecem todo ano, mas, no caso, a de 1979, “superou tudo em matéria de cheias no Pantanal nos últimos 59 anos.”¹⁴⁷ Em quatro páginas é descrito desde as dificuldades de vagões da Noroeste em transpor as águas, citando o ilhamento de Corumbá e o desalojamento de dez mil pessoas, em Porto Murtinho, o comparativo da enchente com a ocorrida em 1920, com “proporções diluvianas” onde o rio Paraguai adquire as características de mar. Descreve o deslocamento de homens e do rebanho bovino através dos “boieiros”.

Uma nova reportagem, na mesma edição, tem como título: “Um paraíso ecológico”, e acrescentando “a maior reserva animal das Américas. Mas já com alguns sinais e devastação.”¹⁴⁸ A descrição parte do estrago deixado pelas águas de verão que contribuem para a reposição da vegetação, acrescentando que “sem as enchentes o Pantanal seria um deserto”. Segue fazendo uma descrição de hábitos e costumes que integram o universo das fazendas, no Pantanal, o contato com bichos e uma ação efetiva contra os coureiros, bem como a necessidade de preservação do bioma pantaneiro. Sinalizamos que é a partir das enchentes da década de 1970 que o Pantanal passa a integrar e ocupar lugar de destaque, na mídia. Constroem-se, a partir de então, representações a cerca do Pantanal. Representações que passam a figurar, na mídia, vendendo a imagem de paraíso ecológico, passível de preservação.

Nas duas reportagens, o Pantanal é apresentado por características edênicas de paraíso ecológico. O termo “dilúvio” remete biblicamente ao renascer depois das águas. Na possibilidade da continuidade, facilmente detectada na reportagem, que enaltece as características fecundas das águas e do mingau de detritos que remete a terra vegetal, no cuidado com a flora e fauna, bem como na necessidade da preservação.

Sobre as enchentes, em Porto Murtinho, a referida edição da revista traz uma reportagem com o título: “A vida provisória”¹⁴⁹, sugerindo a fuga dos moradores da enchente e a invenção de uma nova cidade. A contradição da reportagem está centrada no número de moradores, onde fala do desalojamento de dez mil moradores, porém apresenta o número de seis mil habitantes e, metade desses, ou seja, cerca de três mil habitantes, buscou abrigo nas fazendas e, a outra metade, no alojamento construído pela Defesa Civil.

¹⁴⁷ Arquivo Digital *Revista Veja*. Ed. 562 de 13 de junho de 1979. p. 54-67; 59-60

¹⁴⁸ Arquivo Digital *Revista Veja*. Ed. 562 de 13 de junho de 1979. p. 59-60

¹⁴⁹ *Idem*, p. 63-64.

Faz menção à denominação “cidade de lona”¹⁵⁰, e, também, “nova babilônia”, tendo em vista a presença de paraguaios no local. Descreve o local e o cotidiano das pessoas, a importância da construção do alojamento antes da chegada das águas, levando-se em conta as previsões, das dificuldades previstas no retorno à “semidestruída” Porto Murtinho.

Fato curioso, na reportagem, é que tendo em vista as dificuldades advindas, estava-se buscando um prefeito para a cidade, quando a substituição cabia ao Governador do Estado, considerando que o município integra a faixa de fronteira. Até àquela data, não se tinha encontrado um entusiasta para assumir tal cargo. Sabe-se que o cargo era ocupado por Ildefonso Soares.

O alerta para a cheia de grandes proporções constava no jornal *Diário de Corumbá*, na manchete sobre a ameaça que a cidade de Cáceres enfrentava mediante o elevado nível das águas do rio Paraguai. De acordo com o jornal, a cidade estava em vias de sofrer uma inundação. A elevação do nível das águas se dava pelo “recebimento de grandes massas d’água das bacias do norte e sudeste.”¹⁵¹ O alerta do DNOS era de uma enchente superior a do ano de 1959. Com a persistência das chuvas, sucederam-se as enchentes nos quatro anos seguintes. O *Diário de Corumbá*, de 25 de maio de 1978, trazia uma reportagem com o título “a enchente e suas ameaças” e descrevia a situação que enfrentavam comerciantes das margens do rio Paraguai que tiveram que cerrar as portas de seus estabelecimentos comerciais em virtude da “invasão clandestina das águas.” O Serviço de Sinalização Náutica do Oeste, em Ladário, indicava 5,24 metros a altura das águas do rio Paraguai para a data do dia anterior. De acordo com a reportagem, o volume de águas era esperado, mas não com tal intensidade. Índícios de uma enchente com volume de águas superior a enchente ocorrida em 1959.

Na manchete de 25 de janeiro de 1979, no *Diário de Corumbá*, apresentava o seguinte título: “Região Pantaneira com muita chuva.” A reportagem aponta as dificuldades do acesso à região, caso se mantenham os níveis de chuvas, incluindo relato do prefeito de Corumbá que sinaliza para o aumento das áreas inundadas no Pantanal e do número de desabrigados. Novamente, encontramos a preocupação com o deslocamento do rebanho bovino como fator principal.

O *Jornal da Manhã* estampava em letras garrafais a manchete: “Pantanal deverá sofrer a maior enchente do século”¹⁵² No decorrer do texto do editor, percebe-se a inquietação no que tange às providências necessárias dos pecuaristas para salvar o rebanho bovino, considerando que vários pontos e acesso as fazendas já se encontravam interditados, a retirada urgente fazia-se necessária para evitar perdas, como as ocorridas na

¹⁵⁰ Como ficou conhecido o local onde foram construídos os alojamentos para os desabrigados das enchentes. Localizavam-se nos km 6,7, 8. Eram barracas de lona preta (1979) e verde (1982).

¹⁵¹ *Jornal Diário de Corumbá*. 01/05/1977, n. 2.274

¹⁵² *Jornal da Manhã*. 08/02/1979. n. 1451, Corumbá, MS

enchente de 1959. O questionamento eloquente no final é dirigido ao governo do Estado, no empenho de salvar o rebanho que constituía os pilares da sua economia. Pragmaticamente, questionamos: e os habitantes da região, por acaso, não se encontravam entre tais preocupações? A resposta, talvez, seja a afirmativa de que o habitante da planície pantaneira conhece os meandros das águas.

As águas da enchente de 1979 atingiram a marca de 9,14 metros, deixando a cidade inundada. As maiores dificuldades estavam centradas no deslocamento da população que não acreditava que seria uma grande enchente, e muitos se recusavam em deixar suas casas e seus pertences. Hipólito Soares, na época, secretário de Administração da Prefeitura, diz que houve, por parte das autoridades, uma preocupação latente, desde a reunião no Clube Caiçara, em fevereiro de 1979, onde a Defesa Civil e autoridades locais trabalham na busca de recursos para a construção do alojamento provisório e um atendimento eficiente no que tange a atendimento médico, vacinas, água potável, alimentação, para os moradores. No período das chuvas, é inverno e a temperatura, no decorrer da noite, cai muito, em função da umidade excessiva. Ele salienta:

Na primeira enchente de [19]79, meu irmão era o prefeito (...). Foi muito difícil por que a prefeitura não tinha quase nenhum recurso e a gente também não acreditava que a cidade fosse enche. Mas quando meu irmão através do Exército e da Marinha fez um vôo pela regiões e viu que a água vinha mesmo, ele saiu de casa em casa avisando pra se preparar que vinha enchente, e a gente lá na prefeitura procurava fazer o possível. Mas o pessoal não acreditaram, tanto é que a água foi entrando devagazinho, devagazinho até o momento que as pessoas assim se apavoravam e queriam sair todas ao mesmo tempo. Eu ficava lá na prefeitura coordenando assim a evacuação da população.¹⁵³

Acontecimentos inusitados marcam suas lembranças. Fatos que ocorreram quando fazia o trabalho de coordenação dos deslocamentos e que enuncia, calmamente. O que nos faz analisar o seu comportamento quando chamado para resolver uma situação como essa.

Tinha amigo meu, que foi lá na prefeitura me pedir pra intervir porque a mulher dele tava xingando muito ele e ela morava lá na entrada pro aeroporto, o lugar mais alto mas ela nunca saía e o pessoal já tinha ido quase tudo embora. Então fui lá no, na entrada da cidade, peguei o caminhão que chegou ali, e fui lá pra tirar ela. Ela tava brigando com o marido direto já queria deixar o marido (risos). A turma desesperava.¹⁵⁴

Por ocasião das enchentes, o então Ministro do Interior, Mário Andreazza, visita “em loco” as áreas atingidas pelas cheias.¹⁵⁵ Estão incluídos, no roteiro da visita, a participação em reunião com uma equipe do DNOS para a exposição dos trabalhos que estão sendo realizados nas regiões atingidas pela enchente. Em Porto Murtinho, que teve toda sua área inundada, a programação do ministro incluía um sobrevoo sobre a “cidade de lona” e uma

¹⁵³ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹⁵⁴ Idem.

¹⁵⁵ Jornal *O Momento*. Corumbá, MS. 04/08/1979; 03/10/1979; 04/10/1979;

visita, de ônibus, ao local. Reunião com autoridades militares para exposição da situação do município para providências cabíveis por parte do governo. Quando ocorreu a visita do ministro, em 04 de outubro de 1979, as águas estavam baixando, as dificuldades maiores, no período que compreende abril e agosto, já haviam sido superadas e muitas famílias já haviam retornado para suas casas, procedendo um mutirão de limpeza auxiliados pela Defesa Civil. O pico das águas ocorreu em junho e julho, chegando a 9,14 metros. É notório o alarde feito pela imprensa ao tratar da vinda de Mário Andreazza que adiou por três vezes a visita nas regiões alagadas dos pantanais, especialmente, Porto Murtinho, Porto Esperança e Corumbá.

Após o impacto da enchente de 1979, os resíduos desse evento favoreceram uma nova enchente, em 1980, em menores proporções, com níveis registrados de 8,51 metros. É apenas citada pelos narradores como um “trampolim” para o que eles denominam a “maior enchente” que foi a que ocorreu em 1982. Nas suas observações, sobre as enchentes, o senhor Firmo nos diz que

Em 1980 devido ainda o resíduo da enchente de [19]79 no Pantanal com as chuvas do verão de [19]80 houve também uma certa elevação do rio, mas somente uma parte da cidade... a parte sul ... o pessoal foi deslocado na parte sul da cidade... foram... foram agasalhados na... no km 7... mas nem talvez 20% da cidade só que foi incomodada com essas águas de 1980 (...) aí transcorreu tranquilamente [19]80 e [19]81 (...) aí novamente em [19]82 aconteceu um fenômeno maior ainda do que a de 1979.¹⁵⁶

Em agosto de 1981, o então deputado Rubens Figueiró apresenta, na tribuna da Câmara, um pedido ao presidente da república para que retire Porto Murtinho da relação dos municípios declarados como área de interesse de segurança nacional. Um dos aspectos destacados pelo deputado é a resistência e persistência da população frente aos problemas enfrentados e manifesta o desejo dessa população para, através do voto, eleger seu prefeito.¹⁵⁷ Diante do fato apresentado, percebe-se que, mesmo enfrentando as dificuldades impostas pela enchente de 1979 e posterior de 1980, o município se mantém ativo nas mais diversas atividades políticas, econômicas e sociais, o que sugere que as enchentes não são vistas como dramas intermináveis e intransponíveis.

Retornamos ao nosso passeio pelos arquivos e jornais e, novamente, encontramos reportagens que sinalizam para a ocorrência de grandes enchentes nos pantanais, amparados pelas observações de Seu Firmo, que, ao falar da enchente de 1982, inicia frisando “pior do que a de 1979 houve ... foi 60 cm maior do que a enchente de [19]79 a régua foi para 9,72, aproximadamente.”¹⁵⁸ Na ocorrência das cheias de 1982, havia um

¹⁵⁶ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS.

¹⁵⁷ Jornal *O Momento*. Corumbá, MS 26/08/1981. n. 8.480

¹⁵⁸ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

resíduo considerável das enchentes anteriores, ou seja, 1979, 1980 e, com isso, o volume de água atingiu a marca de 9,71 metros. (Gráfico 4)

A população se encontra frente à necessidade do deslocamento. A cidade de Porto Murtinho desaparece sob as águas, restando aos moradores a utilização de barcos para percorrer os espaços que bem conheciam, ainda que eles estivessem embaixo d'água.

A revista *Veja* estampa em suas páginas a reportagem: “Mato Grosso do Sul: uma crise fluvial” e, no sub-título: “Prefeito nomeado vai apoiar dissidente”. Sobre a enchente de Porto Murtinho, inicia classificando-a como “a enchente mais bem organizada já registrada no Brasil”. Na sequência, classifica como a maior enchente dos últimos 100 anos e salienta que, sabedores do volume de águas, as providências adotadas permitiram que tudo fosse devidamente preparado para a chegada das águas. Os números apresentados pela reportagem sugerem a construção de 600 barracas de lona que abrigaram toda a população e também na instalação de serviços essenciais e demais serviços prestados à população. Destaque para o tratamento de água, atendimento médico, aplicação de vacinas e uma quantidade considerável de dezesseis toneladas de alimentos para serem entregues aos desalojados.¹⁵⁹

O foco principal da reportagem, no entanto, foi a crise política entre o prefeito local e o então Governador do Estado, pela ameaça do rompimento de alianças políticas, frente ao fato de que ele não foi recebido pelo governador, por ocasião de sua ida a Campo Grande, em busca de recursos para o atendimento dos desalojados pelas enchentes. O Governador manifesta seu descontentamento e a ameaça de exoneração estava lançada, sendo prefeito nomeado, visto que Porto Murtinho se constituía área de Segurança Nacional. A foto estampada na reportagem traz a seguinte legenda: “Porto Murtinho: a enchente do século e uma crise política, sem vítimas.” Para finalizar a reportagem, retoma a questão do atendimento às vítimas da enchente, salientando situação precária do alojamento bem como o fato de não ter ocorrido nenhuma morte, o que ocasionaria um transtorno, visto que o cemitério estava coberto pelas águas.

Para alguns moradores, a experiência de deslocamento de 1979 possibilitou maior agilidade no atendimento, por parte das autoridades locais e da Defesa Civil, à população que, novamente, se vê abrigada na “Cidade de Lona”. Pela forma como são descritas as experiências vivenciadas por parte dos moradores, voltamos à questão do “alarde” feito pela imprensa ao colocar a população como faminta, desabrigada, mal assistida. Obviamente, os transtornos são grandes, mas, na narrativa de Conceição Montanheri, encontramos a similaridade com as demais narrativas. Ela diz:

Então olha a enchente muito se atribui, muito se, há muita lenda, muito folclore em cima das enchentes e que na verdade não era bem assim.

¹⁵⁹ Acervo Digital *Revista Veja*. Ed. 717 de 02/06/1982

Sabe, a gente, bem eu, posso de falar do que nos sentimos, do que nós vivenciamos mesmo, sabe, não era bem desse jeito. Tinha sim, quando chovia, você vê não era como quando você esta na sua casa.¹⁶⁰

Novamente, deparamo-nos com as particularidades do meio ambiente e das estratégias e recursos utilizados para passar pela enchente. O deslocamento é necessário, então se faz o deslocamento. Agora, segundo alguns moradores, “você também pode ficar e “lamentar, chorar, achar ruim, e fica brava e pragueá, como diz o povo aqui, ou eu posso falar bom, não tem nada que eu possa fazer aqui.”¹⁶¹

A análise da situação está centralizada no fato de que as alternativas dependem unicamente do sujeito que vivencia a experiência.

A enchente tava aí, o rio subiu, não fui eu que fiz, não contribui pra isso, não depende da pessoa humana, não dependeu do povo, isso é um fenômeno da natureza que tá aí. Então você tem duas opções, ou lamenta e chora de se descabelá ou fazer disso uma mudança de rotina, vamos dizer assim da sua vida. Você pode criar um jeito por um período, por um tempo e viver diferente e transformar isso numa maneira gostosa de viver, mais próxima.¹⁶²

A construção do alojamento provisório, os deslocamentos, o atendimento à população transcorrem dentro do planejado pela Defesa Civil. O trabalho de bombeiros, da Marinha, do Exército, é fundamental no acampamento para a distribuição de alimentos, aplicação de vacinas, tratamento de água e da manutenção da ordem no local. Havia um conjunto de fatores que, atrelados, propiciavam condições de permanência no local dentro de uma regularidade possível para a situação emergencial vivida. Muitas famílias se alojaram em barracos construídos em fazendas, bem como foram acolhidos por conhecidos e não ficaram na cidade de Iona, mas, mesmo assim, circulavam pelo espaço, considerando que todos se conheciam, por se tratar de um centro urbano de pequenas proporções.

Em 1988, uma nova enchente inunda a planície pantaneira com níveis de 9,70 metros. A imprensa mostra o Pantanal em toda sua grandeza e magnitude, e ocupa as páginas da *Revista Veja*, na reportagem, “A força das águas: a maior cheia da História prejudica a pecuária, mas beneficia a fauna no Pantanal.” Classifica o Pantanal como um “grande altar da ecologia brasileira”, dizendo que contrariamente ao que acontece em outras regiões que sofrem inundações, no Pantanal, elas são benignas, fertilizando o solo e purificando as águas, assegurando o ambiente para os animais que habitam a região. Faz uma densa e criteriosa descrição dos hábitos de algumas espécies e da dificuldade dessas no período das cheias.

Apresenta um quadro de acontecimentos que permeiam o período das chuvas e suas proporções em termos de volume de água que anda, cerca de 10 km por dia, e leva

¹⁶⁰ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

¹⁶¹ Notas de caderno de campo. Conversa com funcionários do hotel Pantanal em Porto Murtinho.

¹⁶² Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

cinco meses para atingir 1.280 km do pedaço brasileiro do rio Paraguai, atingindo 80 km de uma margem a outra. Quanto a Porto Murtinho, anuncia a chegada das águas em quarenta e cinco dias, salientando a construção do dique de contenção de águas que representa segurança para a cidade, com onze mil habitantes, aproximadamente. Ressalta trechos de entrevistas com moradores da planície pantaneira que retomam a afirmativa de que “a água avisa quando vai chegar” e que “para o pantaneiro o pantanal é viável.”¹⁶³

Assim como nas reportagens anteriores, observa-se o despontar midiático do Pantanal para o turismo. As imagens são de uma fauna exuberante habitando um paraíso de espécies. Pouco se tem dos hábitos e costumes do homem que, segundo a reportagem, são cerca de 250 mil habitantes na planície pantaneira. O esboço de uma representação é habilmente conduzido para atrair novos investimentos, como o turismo. As imagens suplantam as palavras e o homem remodela o imaginário contemporâneo. Ao invés de uma planície inundável, aflora a imagem de um paraíso ecológico. Amparamos-nos em Bachelard e frisamos que “a imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade: é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade.”¹⁶⁴

A enchente de 1988 veio com volúpia, mas encontrou a sua frente a muralha de proteção, erguida após a enchente de 1982. Essa enchente atingiu a marca de 9,88 metros, na narrativa dos moradores, e 9,69 m, índice registrado. E seria essa, a pior enchente no Pantanal, especialmente para a cidade de Porto Murtinho.

Depois de 1984 quando o dique estava funcionando (...) a cidade estava protegida então houve uma enchente em 1988 essa foi braba também foi pior que a de [19] 82 foi mais alta do que de [19]82 (...) mas a cidade já estava protegida somente as fazenda tiveram maior problema (...) as fazendas tiveram maior problema com deslocamento do gado (...) e segundo informações a enchente de [19]88 deve ter atingido 9,80m , 9,88m por aí ela foi mais alta que a de 1982 mas não (...) a cidade esteve tranquila só com a natural vigilância dos órgãos de segurança, o quartel, o corpo de bombeiros (...) o quartel vigiava dia e noite através de patrulhas vigiava em torno do dique pra que não houvesse qualquer tentativa de alguma coisa (..) seria fatal se houvesse um rombo no dique alguma coisa seria fatal porque realmente estava alto.¹⁶⁵

Após a enchente, assim que as águas começam a baixar, há todo um trabalho em conjunto para a limpeza e reconstrução da cidade. Muitos moradores retornam antes mesmo de a água baixar totalmente e iniciam o trabalho de recuperação de seus imóveis. Mesmo com a possibilidade de um surto de febre amarela, os moradores retomaram as suas moradias e nenhum caso da doença foi registrado. Assim, Dona Norma nos diz:

¹⁶³ Acervo Digital *Revista Veja*. Ed. 1025 de 27/04/1988. p. 62, 63,64

¹⁶⁴ BACHELARD, G., *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*, 1997, p. 18.

¹⁶⁵ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho/MS.

Ninguém ficou doente assim não tivemos nenhuma epidemia, murtinhense nenhum ficou infectado por nada e não tivemos ninguém aqui que tivesse falado: Ah! O fulano morreu de tal coisa, não houve. Teve febre amarela na época todo mundo ficava com medo, e a gente tratava a água daqui mesmo também pra pode tá bebendo esta água daqui, cozinhando, lavando roupa, com essa água daqui mesmo.¹⁶⁶

Muitas casas ficam praticamente destruídas pelo contato prolongado com a água, preservando em seu interior as marcas da água. Linhas representam o signo de um ciclo repetitivo de águas. No entanto, houve a contrapartida de que muitas famílias receberam auxílio do poder público. As narrativas de Dona Norma trazem, no bojo do discurso, as impressões do cotidiano e nelas emergem questionamentos referentes às mais variadas situações. Nesse fragmento de discurso, é possível identificar elementos que valorizam aspectos culturais que, por deveras, são ignorados e/ou não reconhecidos no meio em que se inserem.

Muita gente ficou até, assim até se favoreceu um pouco, porque aquelas pessoas que moravam ribeirinha hoje tem casa aqui na cidade né. O município até apoiou muito, incentivou dando um terreninho, pra cada família, e daí eles tão ali né, construíram sua casinha e trabalham voltados a explorar o rio Paraguai muito na pescaria. Depois disso que começou esta pescaria de fato, as pessoas dos ribeirinhos o que sabia fazer, trouxe a cultura deles aqui dentro na cidade e até hoje a gente tem muito profissional sabe. E que profissional! Que não são assim muito valorizados também.¹⁶⁷

O fechamento das indústrias de tanino na cidade deixou um número elevado de desempregados e, com a chegada das águas, a situação de muitos moradores tendeu a agravar. Para os moradores ribeirinhos e paraguaios foi especialmente mais difícil em função da mão-de-obra oferecida.

Atrelada a esse fato temos também os militares que pediram suas transferências para outras regiões. E, como diz Seu Hipólito, “a cidade ficou assim, um bom tempo com pouca gente.”¹⁶⁸ Dona Norma é mais enfática e diz: “pensando bem Murtinho, já teve várias decadências, e uma das piores decadência que nós temos foi a época da enchente porque muita gente foi e foi pra valer não voltou mais e ficamos aqui só os teimoso”¹⁶⁹

Entre as décadas de 1970 e 1990 acontece um êxodo considerável em Porto Murtinho, especialmente nos períodos que antecedem e sucedem as inundações na cidade. Muitos moradores se ausentaram neste período e não mais retornaram. Fixaram moradia em municípios como Campo Grande, Bela Vista, Jardim, Aquidauna, Dourados, Corumbá. Para muitos este êxodo foi necessário por que as expectativas que a cidade oferecia seriam muito aquém das necessidades imediatas, principalmente na questão do trabalho. O

¹⁶⁶ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho/ MS

¹⁶⁷ Idem

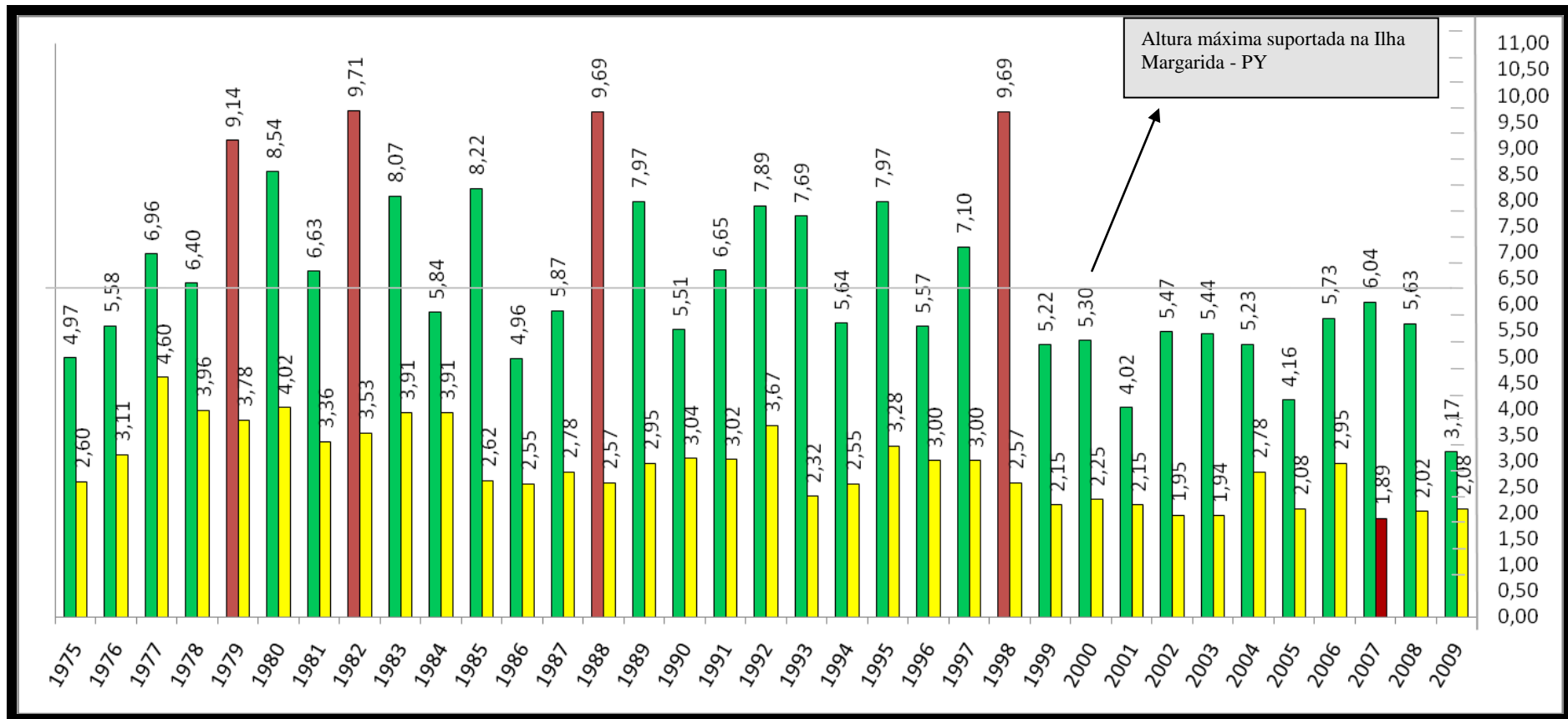
¹⁶⁸ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹⁶⁹ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

desabafo de Norma encontra ressonância no fato a ocorrência das enchentes e o fechamento das fabricas de tanino, que reduziram o pequeno numero de moradores na pequena cidade de Porto Murinho, que mantém uma oscilação populacional constante.

Gráfico 4 – Histórico do Nível do Rio Paraguai (1975-2009)

DIQUE DE CONTENÇÃO: Após grande enchente, alagando a cidade completamente o Governo Federal iniciou a Construção, entre MAI/82 a FEV/85, com as seguintes dimensões: 11 m de altura, 10,5 km de comprimento e largura: Base inferior: 20 m e Base superior: 16 m. No ano de 1998 foi iniciada a construção da mureta de argamassa, a fim de evitar a erosão provocada pelas águas das chuvas. Outras manutenções foram realizadas nos anos de 1989 e 1992, no entanto a ação da erosão é notória, inclusive noticiada em jornais locais. Atualmente o dique encontra-se em manutenção.



Fonte: Agencia Fluvial de Porto Murtinho, MS.